Para Pescar a Lua

Jorge Xerxes

RYOKI INOUE
PRODUÇÕES

© Copyright 2011 by Jorge Xerxes

Título original: Para Pescar a Lua
Direitos editoriais desta edição contratados por:

Ryoki Inoue Produções
Rua Major Antônio Domingues, 203
CEP 12245-750 São José dos Campos SP
www.ryokiproducoes.com.br

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do texto ou de partes do texto sem a autorização expressa do Autor e da Editora.

Editor: Ryoki Inoue

Revisão: Equipe da Ryoki Produção

Capa: Georges Kirsteller

Criação da capa: Jorge Xerxes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Xerxes, Jorge
Jorge Xerxes – Para Pescar a Lua / Ryoki Inoue Produções
São Paulo – SP, 2011

1. Literatura I. Título
CDD – 869B

Índices para catálogo sistemático
1. Literatura brasileira 2. Título
869B

para Ana Laura

CUIDADO, CONTEÚDO EFERVESCENTE

Meu cavalo contra a distância 11
Boite Estrela 13
Trabalho com a serra 21
Esquinas da lua 23
Matar um cara 25
Porque elas sequer existem sem você 31
Da obsessão 33
Compostura! 35
Por amor 37
Réplica à Confissão de Picasso 39
O abandono 43
O novo conto da tarde verde de ontem 45
Dentro da moreninha 47
Rafael e a telecinese: uma história real 49
Um som do caralho 57
O jogo dos nove 59
Toda a potencialidade da mente 61
O "segredo" de Adalberto Vaz 63
Enquanto ela dorme: para estar contigo 69
A precessão dos equinócios 71
A espiral da vida 73
Escolhe bem tua morte 77
4s cOis4s 79

Til 81
Anatomia entre dois saltos 83
O exército da salvação 85
Mui70 m4is qu3 um l490 87
Vestir para a ceia 89
A revolução dos matutos 91
*Lili For-ever** 93
Da semelhança do alfabeto com os números primos 95
oseuladoselvagem 99
Um sonho 101
A semente da pe(r)d(r)a 105
O paradoxo do policial 107
A madureza dos gentios (geometria dos símbolos) 109
Da calvície feliz 115
Sobre as causas às quais eu tenho pena dos engenheiros 117
Manchas em roupas 119
Ela existe 121
Rinoceronte 123
Parêntese 127
*Devaneio do caminhante** – *Parte I* 129
*Devaneio do caminhante** – *Parte II* 131
Exclamação ao de menor 133
Fugir à tarde 135
Para pescar a lua 137

Prefácio

Jorge Xerxes é, realmente, surpreendente. É difícil imaginar que um homem diretamente ligado às ciências exatas possa ser dotado de tanta sensibilidade tanto em seus poemas quanto em sua prosa!

Coube-me a espinhosa – mas nem por isso menos agradável e honrosa – tarefa de prefaciar "Para Pescar a Lua". Tive de ler seu texto com aquele olhar crítico que me permitisse elaborar um prefácio imparcial. Missão absolutamente impossível, uma vez que o prazer despertado pela leitura de seu livro acabava, a cada cinco minutos, por me desviar para uma leitura tão prazerosa que impedia o olhar profissional e levava àquele de quem lê inebriado, ansiando pela continuação e, por fim, pelo desfecho de cada conto, de cada poema.

Seus matutos no alto do morro, fumando seus palheiros e observando o mundo que segue seu curso lá embaixo, transportam o leitor para uma vida que, se não deve ser chamada de abstrata, no mínimo é bastante surrealista, uma vida que, no íntimo, todos nós gostaríamos de levar.

Ao mesmo tempo, Xerxes nos faz enxergar (sentir no próprio pelo) o drama causado pelos ciúmes subconscientes de um irmão... Ciúmes estes que desaparecem – ou pelo menos apagam-se – quando diante de uma tragédia.

Com nítidas raízes no campo, Xerxes usa muito adequadamente alguns termos típicos da roça (por exemplo "acochava a palha" do cigarro), o que me trouxe à lembrança minhas próprias raízes e provocou-me um momento de deliciosa nostalgia.

E quem seria Bianca? Uma prostituta, um anjo vingador ou um demônio que inferniza a mente conturbada do bancário Celso?

Seu comentário sobre Picasso não apenas é verdadeiro como faz refletir sobre a profunda imbecilidade daqueles que se metem a críticos... O que pensam eles? Que sabem tudo, que dominam todas as áreas da arte?

E, como não tenho a menor pretensão de me enveredar por essa seara e, posteriormente ser incluído nessa horrível categoria, paro por aqui.

Digo e repito, apenas, que Jorge Xerxes me surpreendeu. Não apenas por sua competência ao elaborar um texto, por sua sensibilidade e profundidade, mas principalmente por obrigar o leitor a revelar-se para si mesmo.

Ryoki Inoue

Meu cavalo contra a distância

como a lua afaga a alvorada do novo dia
como o sol beija o crepúsculo da noite
que há por vir
minha pobre alma abençoa o cavalo branco alado
percorre a distância imensa que nos separa
em pensamento
no plano imaginário do místico, do simbólico, do alquímico
não existe esta restrição humana mesquinha
e na intenção de um coração puro
não habita a distância, nem o tempo
mesmo velho eu sou menino
é você menina quem beija minha fronte
os nossos corpos se fundem contentes
de uma só alegria, tão calma, que sequer existimos depois
resta o orvalho da manhã que é lágrima calada
resta o arco-íris da tarde que é sorriso de todo o céu
dentre todas as cores
você é a mais linda

Boite Estrela

There's a time when the operation of the machine becomes so odious – makes you so sick at heart – that you can't take part. You can't even passively take part. And you've got to put your bodies upon the gears and upon the wheels, upon the levers, upon all the apparatus and you've got to make it stop. And you've got to indicate to the people who run it, to the people who own it that unless you're free, the machine will be prevented from working at all. – Mario Savio, Sproul Hall Steps, December 2, 1964



Paulo observava atônito o irmão largado naquele leito de hospital. Dividia o quarto – quente como o inferno – com mais duas pessoas: a senhora obesa idosa e um menino magro careca. O tratamento oferecido pelo SUS naquele hospital de periferia era como morte lenta. Muito longe para que por lá passassem os repórteres e a gente da tv. Nesses lugares é que se aprende como a vida é cruel – de verdade. A fragilidade de Gustavo era o oposto da imagem que ele tinha do irmão mais velho até então. O que restara daquele seu vigor, da determinação inabalável, exemplo de impetuosidade? Agora era somente ele ali, a apoiar o irmão agonizante.

O médico havia lhe dito que o golpe no pescoço e o corte causado pelo estilhaço de garrafa tinham subtraído permanentemente a capacidade de articular a fala normalmente. O que seria do Gustavo extrovertido, falastrão de outrora? Talvez reaprendesse a se comunicar com a ajuda de um bom fonoaudiólogo, se dispusesse a explorar novas possibilidades do ar que seria capaz de expirar dos pulmões. Mas isso não era certo, perdera muito sangue, o mais importante é que ainda estava vivo, isso sim, era praticamente um milagre – dissera-lhe o médico. Um milagre – pensou Paulo. Será que esse médico de bosta faz ideia do que está falando? Um milagre, o caralho. Gustavo estava fodido e entrevado. O sangue lhe pulsava nas têmporas. Cada batimento de seu coração ele sentia lá, era como uma martelada na cabeça. Sua sede de vingança ele procurava desesperadamente conter.

Subitamente, Gustavo deixou aquele seu estado de torpor. Parecia querer comunicar-se, dizer algo ao irmão. Paulo lhe estendeu um pedaço de papel e uma esferográfica. Com alguma dificuldade, Gustavo tomou nota, algumas poucas palavras. Depois entregou o panfleto ao irmão, com o olhar soturno. "Boite Estrela, Jacinto" – Paulo ficou a matutar o significado daquilo.

Judite despertou-o do sono agitado. Foi um alívio. Judite disse que Paulo estava agitado, mexendo-se muito na cama e suava horrores. Também com um pesadelo daqueles, remoeu com seus botões. Era meio da noite. Ele foi até a cozinha, abriu a geladeira, serviu-se de um copo de leite e sorveu o líquido até o fim – como que para amainar os seus ânimos. Então se deitou novamente, deu um beijo no rosto da esposa (que sorriu) e deixou-se transportar novamente pelos braços de Morfeu.

Quando o rádio-relógio o despertou, Paulo recordou de imediato do pesadelo. Parecia tão vívido e real que era coisa de dar medo. Entretanto, nada comentou com Judite à mesa do café da manhã. Seguiram juntos no velho Ford Escort de cor azul metálica até o centro da cidade. Deixou Judite no banco, para que ela desse cabo das contas de rotina. Fato é que os negócios não iam nada bem.

A pequena empresa de representação de produtos de informática que, à primeira vista, lhes parecera um negócio tão atraente, agora basicamente garantia-lhes a subsistência. Paulo andava sobretudo arrependido de ter convidado o irmão para mudar-se do interior e ajudá-los na loja. Basicamente Paulo cuidava da administração dos negócios e contato com os fornecedores, Judite corria os bancos pela manhã e atendia na loja, enquanto Gustavo visitava as empresas da cidade e região, era incumbido das entregas e de arrebanhar clientes.

Ainda bem que tinha sido apenas um pesadelo, refletiu Paulo. No último ano, desde que se mudara para a cidade grande, Gustavo não tinha mais se metido em encrencas, como noutros tempos. Quantas vezes ele, e até os seus pais, na época em que ainda eram vivos, tiveram de interceder em socorro ao irmão, sempre metido em bravatas, confusões e disputas pelo mulherio. Apesar disso, Gustavo era carismático, divertido e a Natureza tinha sido bastante generosa quanto ao seu semblante e físico avantajado. Em resumo: dava mais alegria que tristeza, como acontece comumente em quase todas as famílias.

Aquele havia sido outro dia quente; muito atarefado no escritório e, apesar disso, de poucos negócios. Judite e Paulo chegaram à casa por volta das oito da noite. Tomaram banhos separados (ela primeiro, enquanto ele ficou na tv). Depois jantaram uma pizza requentada do dia anterior. Eles pouco conversaram e, na seqüência, foram para a cama. A tv era o álibi perfeito para uma convivência vazia de significados, perfeita para aqueles dias inócuos, que transcorriam como ritos de passagem entre o nada e coisa alguma – absorvidos que estavam pela profunda apatia, assim como acontece com a grande massa dos casais medíocres.

Mesmo que os anos restituam a pureza e a ingenuidade dos atos, ainda assim ficarão cicatrizes forjadas pelos neurônios, assim como as naus trazem os seus sinalizadores luminosos elevados, na intenção de serem percebidas à distância. Sim, toda a vivência serve de matéria-prima a qual o futuro se molda – para o bem ou para o mal. Importante é a interpretação da experiência, a depuração do espírito, ao longo do empreendimento de uma vida, do que virá pela frente.

Adentra a birosca enevoada e fétida pela fumaça dos cigarros. Aquele som apelativo das músicas de corno, aquele ar noir conferido pelas conversas circulares dos embriagados, daquele apinhado de homens reles na disputa por aquelas parcas e descuidadas meretrizes. Paulo pensa no risco que está correndo. Judite poderia despertar a qualquer momento, aperceber-se de sua falta. Não fossem os remédios que ela toma para dormir. A espelunca tem suas paredes sujas e a tinta desgastada. Certos cantos, mais propensos às infiltrações, estão recobertos de limo. Alguns dos quartos não têm portas, e desses é possível ouvir os gemidos e grunhidos do sexo vadio. Isso parece alavancar a produção da testosterona aos brutos e assegurar o consumo dos aperitivos: da cerveja de rótulo vagabundo e da aguardente.

Ele observa através de uma fresta deixada pela porta entreaberta e vê a frenética dança de uma puta de longos cabelos ruivos. Ela sobe e desce guiada pelo falo de um homem rude, trabalhador braçal. Seu gemido é cativante como se não pertencesse a esse mundo. Jamais ouvira uma mulher gozar daquela forma, tão justa, sincera e eloqüente. Era um cântico que transcendia a atmosfera do ambiente para o transporte através das asas do sonho.

Amanheceu um dia quente como o anterior. A rotina de trabalho de Paulo, Judite e Gustavo permaneceu inalterada, de modo que pouco – ou quase nada – é digno de nota nessa inusitada narrativa. Exceto que o estranhamento de Paulo era crescente, tendo em vista suas recentes experiências oníricas. E, infelizmente, era impossível se desvincular completamente destes processos inconscientes do seu estado de espírito em vigília. Os seus sonhos deixavam-no ainda mais exausto e irritadiço do que era esperado dele. Naquele dia almoçaram os três, numa cantina italiana próxima à loja. A comida era bem preparada e oferecida em troca de um preço justo: mesa com saladas variadas, um prato de massas à escolha do freguês e duas opções de sobremesa – fruta ou doce. Judite e Gustavo aparentavam visivelmente maior descontração que Paulo ao longo da refeição, apesar de todos estarem cientes das dificuldades que enfrentavam nos negócios em família. Certas preocupações não são mesmo para serem postas à mesa.

Durante a tarde Paulo pesquisou via internet e na lista telefônica pela tal "Boite Estrela" sinalizada pelo seu pesadelo recorrente sem, entretanto, obter qualquer referência nas imediações da região metropolitana onde morava. Refletiu seriamente sobre a carga de estresse que vinha sofrendo no trabalho e a real necessidade de tratamento médico. Mas os compromissos quotidianos sobrevieram e ele abandonou essa natureza subjetiva de elucubrações, partindo para as de ordem prática: contato com fornecedores, avaliação das duplicatas pendentes e projeções das vendas de curto prazo. A noite terminou com Judite e Paulo largados na cama, atentos à televisão ligada, até que atendessem a um novo chamado de Morfeu.

Segue pelo calçamento irregular paralelo à rua estreita de paralelepípedos, naquela noite o orvalho é denso, quase chuva. A luz emana fosca da pequena passagem que leva ao inferninho. Ainda do lado de fora, observa a placa metálica, carcomida pela ferrugem dos anos: «Boite Estrela». No interior da bodega chama-lhe a atenção um senhor de modos rudes e simplórios, vez por outra exprime aquela sua gargalhada insana e parece monopolizar a atenção do círculo de freqüentadores ao seu redor – dentre velhos, os marmanjos e algumas putas. Seu olhar é doutro mundo, os globos rubros pela irrigação sanguínea característica do abuso de bebida e tabaco. Ele parece aperceber-se da aproximação de Paulo. Ergue o braço esquerdo e faz um sinal com a mão, convidando-o a aproximar-se. O pessoal da roda dirige seus olhares atentos em direção a ele. Quando está a dois ou três metros de Jacinto, este lhe aponta, com o punho cerrado e o dedo indicador em riste, um corredor lateral ao salão principal.

É escuro, ermo, Paulo não havia sequer notado este corredor anteriormente, dava numa escada rústica, de madeira, que por sua vez, levava ao piso superior da espelunca. Ele reconhece aqueles frêmitos de fêmea vindos de um dos quartos, cuja porta está entreaberta. Aproxima-se, o piso range, mas o casal parece indiferente, absorto pela fornicação. Paulo observa, atento e silente. Agora a ruiva de cabelos longos está de quatro, o homem penetra-a vigorosamente o ânus. Ela urra num misto de dor e prazer. Seus movimentos lembram um cavalgar selvagem, o homem toma-lhe os cabelos com uma das mãos, fazendo-a erguer o tronco, e com a outra mão agarra o seio, firme, farto.

De súbito o frenesi da penetração amaina, a mulher lança um olhar em direção à porta entreaberta e Paulo identifica o semblante da mulher. Ele fica atônito, como é possível, o coração parece saltar-lhe a boca: é ela mesma, sua esposa Judite, quem está fodendo com Gustavo. Paulo desperta encharcado de suor. Observa Judite deitada ao seu lado, na cama, num sono tranqüilo. A mulher esboça um discreto sorriso, através do alongamento das extremidades de sua boca e a sutil contração das pálpebras. Paulo levanta da cama. Segue até a cozinha, a cabeça lateja de uma dor lancinante, como se seus miolos é que tivessem sido fodidos. São quatro horas e vinte e dois minutos da madrugada. Ele enche um copo d'água, engole um comprimido analgésico e sorve o líquido na seqüência. Retorna para o seu quarto e tenta retomar o sono, em vão.

Naquela manhã, assim que Gustavo chegou à loja, Paulo chamou-o e também a Judite para uma reunião de trabalho. Ele apresentava olheiras marcantes, suas mãos estavam trêmulas. Mostrava-se realmente abatido. Paulo explicou que a situação financeira do negócio não ia nada bem –e isso não era novidade para nenhum dos três. Disse que precisava conter gastos e, avaliando o benefício dos custos fixos, havia chegado à conclusão de que, realmente, precisaria dispensar o irmão do trabalho. Caso contrário a empresa e todos eles iriam, certamente, à bancarrota. Gustavo aquiesceu. A vida não era fácil para ele, e vice-versa – ele não se deixava abater facilmente. De certo arrumaria um novo emprego, noutra empresa. Provavelmente voltaria para o interior, de onde tinha vindo para assumir o cargo ao lado do irmão e da cunhada. Judite não interveio. Os três pareciam tristes com a novidade. E o dia transcorreu assim; apático e lento.

Algumas semanas depois, Gustavo mudou-se para outra cidade. Arrumou um emprego como vendedor de materiais de escritório. Meses se passaram. Aos poucos, os encadeamentos oníricos recorrentes de Paulo foram cessando. A empresa de representação do casal se reafirmou no mercado. Vieram os lucros. Uma fase próspera. Até a rotina de Paulo e Judite adquiria, agora, cores vivas. Saíam para jantar fora algumas vezes na semana. Iam juntos ao cinema. Beijavam-se mais, e exercitavam o papai-mamãe com a freqüência

de duas a três vezes por semana. Mas Paulo jamais revelou a Judite quanto àquele seu pressentimento – infundado – de que ela e o cunhado tinham sido amantes. É sabido que o tempo se encarrega de pôr as coisas nos trilhos: os pingos nos seus devidos is e realizar os necessários cortes dos tês.

Certo dia, logo pela manhã, Paulo recebeu uma chamada inesperada do hospital da cidade na qual Gustavo estabelecera residência. Paulo informou Judite do ocorrido, disse que precisaria deixar a loja naquele dia, tomou o velho Ford Escort azul metálico e rumou para lá.

Paulo observava atônito o irmão largado naquele leito de hospital. Dividia o quarto com mais duas pessoas: uma senhora obesa idosa e o menino magro careca. A fragilidade de Gustavo era o oposto da imagem que ele tinha do irmão mais velho. O que restara de seu vigor, daquela determinação inabalável, exemplo de impetuosidade? Agora era somente ele ali, a apoiar o irmão agonizante.

O médico dissera que o golpe no púbis e o profundo corte no pênis, causado pelo estilhaço de garrafa, haviam subtraído permanentemente a capacidade de levar uma vida sexualmente ativa. O que seria do Gustavo extrovertido, falastrão de outrora? Talvez pudesse colocar um implante com a ajuda de um bom cirurgião, se dispusesse a explorar novas possibilidades do amor. Gustavo havia perdido muito sangue e o mais importante é que ainda estava vivo, isso sim, era praticamente um milagre – dissera-lhe o médico. Gustavo estava fodido e entrevado. O sangue latejava nas têmporas de Paulo. O médico lhe perguntou o que ele pensava disso, antes de abordar pessoalmente o paciente quanto ao sombrio prognóstico. Paulo sacou um cigarro do bolso da camisa. Acendeu-o, tragou lentamente, expirou a fumaça, então ele disse: eu acho é pouco.

Trabalho com a serra

Observou ainda debaixo a magnificência do acidente de relevo que se manifestava onipotente frente aos seus olhos. Logo estarei lá em cima – pensou Antonio. O monte é de um verde asfixiante. Algumas rochas que transparecem aos arbustos quebram esta constância, como o gelo no copo da bebida. Subiu calado e taciturno.

A repetição é de natureza triste e enfadonha. Já a liberdade, mesmo quando boceja aos gracejos de boa ideia, será sempre bem-vinda. Assim como a criatividade é irmã dos relâmpagos.

Antonio sentou-se sobre uma das três grandes rochas do cume. O fim de tarde era a quintessência do dia, o instante em que seria possível ao sol beijar a lua – pelo menos em sua cabeça simples de homem da terra. As mãos grossas que são também hábeis no manuseio do canivete. Ele picava o naco de fumo de rolo com a grande habilidade dos anos.

Geraldo subia triste a trilha que levava acima. A montanha era símbolo da árvore, que por sua vez era símbolo da resistência. Ela reinava soberba naquele topo. Mas naquele dia Geraldo trazia consigo a razão do impreciso. A dúvida habitava o âmago daquele coração bruto de pedra, que não pertencia ao reino da Natureza. Era aquilo que existia fora dele.

Antonio acochava a palha imprimindo-lhe certa maciez que não era sua. Pedia ao bom vento o sopro de sorte doce do crepúsculo. E preencheu a leda com todo o fumo enquanto Geraldo se achegava.

A vez de Jacinto era maquinada da energia dos omissos. Subia sem o devido respeito à aclividade como quem invade uma virgem ignorante da sua pureza. Arredio e bêbado das suas contas. Pastava noutros campos onde os loucos, os culpados e os indecentes se escondem da razão. Trazia consigo a ferramenta.

Antonio passava a lábia com a língua espessa dos sucos digestivos que moravam em sua boca. Era a ambição dos sentidos que fazia dele a cola dos pântanos. Sua arte lhe permitia ainda os amarrilhos nas duas extremidades com cintas de palha que dariam ao cigarro o formato final de um confeito – bala ou cande fumegante.

Jorge subiu por fim. O sol quase na linha do horizonte. Eles botaram fogo na bagana e tocaram fumaça no mundo. Ela expandia abraçando todo o Universo.

Jorge, Antonio, Geraldo e Jacinto eram amigos. Eles riram, mas sentiram o pesar daquele momento. O crepúsculo que nunca seria o mesmo.

Botaram a ferramenta numa perpendicular com o tronco e começaram num vai-e-vem frenético. A árvore resistiu o quanto pode.

Naquela noite a fogueira ao centro dos casebres foi mais vívida que todas as Estrelas.

O vazio do coração é a morte da árvore – dói a dor dos dias e das noites eternas.

Esquinas da lua

– poesia espacial

Assim como havia sido antes
O planeta contribui com energias telúricas
As estrelas, em contrapartida,
Com a radiação eletromagnética
E a energia luminosa

A outra parte está no que as estrelas
Representam para a gente
Nas percepções intangíveis
Que nos impulsionam a seguir adiante

Por isso seremos eternamente gratos às estrelas
Nos levam daqui até elas num piscar de olhos
Donde é possível compreender
E contemplar tudo
Lá do alto
Esquinas da lua

As estrelas, tão distantes,
Servem de suporte às pontes imaginárias
Um dia havemos de construí-las
Pois se as estrelas existem
E nós insistimos em existir
Compartilhamos dos mesmos sonhos

Elas querem estar conosco
Assim como nós queremos estar junto delas

Matar um cara

a) Toda noite era a mesma coisa

"The philosophers tell the inquirer that birds and fishes bring us the *lapis*, every man has it, it is in every place, in you, in me, in everything, in time and space." – Extracted from Jung C. G., *"Psychology and Alchemy"*, pp.323, Princeton University Press, (1993)

As coisas eram por vezes confusas, outrora desconexas, na cabeça de Celso. Mas é certo que a sua percepção da realidade tomou outro rumo desde quando conheceu – meio que por acaso (mas nem tanto) – Bianca. Havia novas obrigações a serem cumpridas, uma rotina estafante e experiências inimagináveis levando-se em conta a vida pacata que Celso levara até então. Mesmo para ela parecia haver essa mesma aura de descoberta – natural daquilo que se apresenta original, único e transcendente do quotidiano dos dias.

Bianca trazia longas madeixas de cor castanha. Tinha o corpo jovem e a exuberância característica dos seus vinte e poucos anos. Seu rosto era delicado, trazia o verde-marinho de um olhar profundo, somava-se a isso o semblante doce, terno, parte angelical, parte inquieto – como se brotasse à face sua própria essência determinada e questionadora. Sua bunda era de encher o traseiro da calça jeans justa ao corpo; dessas de capturar a atenção de qualquer marmanjo num raio de quarenta e tantos metros. Seus seios naturais, de tamanho médio, eram durinhos, agradáveis ao tato como fruta madura, e as extremidades rosáceas característica da safra que a melhor das videiras jamais haverá de produzir.

Toda noite era a mesma coisa. Depois da longa jornada de trabalho, a convivência em família, ou o passeio com os amigos, um programa diferente, o cinema talvez, quando todos já haviam adormecido, Celso saía pelas portas dos fundos – sem ser percebido – caminhava por quinze ou vinte minutos até a encosta da serra que circundava a cidade. Tomava, então, a trilha pedregosa que levava acima de determinada montanha saliente ao relevo das cercanias. Quando chegava ao topo ele contabilizava entre quarenta e cinqüenta minutos desde deixado o lar. As luzes da cidade muitas vezes eram encobertas por brumas baixas e as estrelas imprimiam o brilho diretamente às suas retinas, privilégio que só a atmosfera diáfana do interior era capaz de produzir. A noite negra contrastava com o dia verde vibrante.

Bianca, via de regra, o estava esperando. Ela vestia sempre o penhoar de seda branca quase tocando o chão (este parecia ter vida própria quando o vento lhe era providente), os pés deliciosamente descalços. Toda noite era a mesma coisa. E sempre passava pela cabeça de Celso se insinuar para ela, quando surgia por detrás de alguma rocha (ou arbusto) a figura austera de Jorge. Ele iniciava logo o falatório com aquela voz enérgica e grave. O que saía de sua boca não se escreve nos livros, porque era desses de mandar e desmandar, como se estivesse acima dos outros. Suas lições eram sobre um poder inimaginável; e as tarefas às quais ele os impingia pareciam contrariar todo e qualquer limite concebível da ética, da lógica humana.

b) Mais de meia centena delas

"When emptied of people, the interior is steel gray. When crowded, it's green, a comfortable acid green." – Extracted from Thomas Pynchon, *"Gravity's Rainbow"*, pp.448, Penguin Books, (1973)

Naquela noite Jorge tratou de dadas atividades escusas e manias supostamente atribuídas ao Doutor Régis. Era inacreditável! Doutor Régis era conhecido e abastado médico, de reputação internacional, especialista na técnica da fertilização *in-vitro*, suas pacientes cruzavam

o país e lotavam as salas de espera de sua opulenta clínica na ânsia da concepção de uma prole saudável. Quase sempre o tratamento era bem sucedido. E isso não era novidade para ninguém, caracterizava a mais pura e cristalina verdade. Mas Jorge falava sobre prostitutas requintadas, modelos de revistas masculinas que viajavam da capital para o interior com as despesas correndo à custa de Doutor Régis, para encontros íntimos que se davam na calada da noite. Doutor Régis as submetia a situações constrangedoras, abusava do poder e da autoridade que lhe eram atribuídos. Jorge tratava do intangível. Falava sobre pacientes que sofriam de abuso quando se encontravam em estados alterados da consciência, sob o efeito de drogas anestésicas. Mais de meia centena delas.

Celso ouviu atentamente as explanações de Jorge sobre a arte da supressão do fluxo sanguíneo através da constrição do arco aórtico pela saturação da energia mental com desdobramentos num impulso mecânico sensível ao organismo humano; sobre sua ação instantânea; fatal; livre de rastros. Bianca tinha os olhos semi-cerrados enquanto Jorge enunciava em detalhes e pau-sa-da-men-te a tarefa que era da incumbência deles. Antes de desaparecer por detrás dos arbustos (ou alguma rocha) Jorge versou sobre justificativas pungentes e voltou a salientar:

– Mais de meia centena delas!

O fato é que eles podiam lutar contra aquilo. Mas o tempo, então, cessava. Celso e Bianca viam-se restritos àquele mesmo átimo do encontro com Jorge, ao topo da mesma montanha. A lição de Jorge reverberando infinitamente dentro da cabeça deles, até que fosse firme a determinação de cumprir à risca aquilo que lhes fora designado.

Naquela noite Bianca seduziu Doutor Régis que estava a se empanturrar de álcool e tabaco – supostamente protegido pelo conforto e a ostentação da mansão sob pesada vigilância. Assistia, na tv a cabo, um desses concursos de misses. Bianca enfronhou em sua mente. Fez com que ele pegasse o carro possante e partisse em velocidade rumo ao prostíbulo simplório e fétido que estava na divisa com Santo Antonio do Jardim (cidade vizinha). Doutor

Régis jamais havia botado os pés naquela espelunca. Os homens promíscuos se mostravam estupefatos com a ilustre presença. Bianca encarnou a mais gorda, sebosa e asquerosa das meretrizes. Então fez com Doutor Régis o jogo travesso da sedução. Seguiram para o quarto dos fundos, onde iniciaram com a fornicação. Celso adentrou de súbito o ambiente. Com um movimento rápido de rotação de seu pulso esquerdo aplicou em Doutor Régis a constrição do arco aórtico. Ato consumado: a puta banguela havia sido indubitavelmente sua última e suculenta refeição.

c) Todo dia era a mesma coisa

"That this wound did not blossom yet, did not shine yet, at this hour, made him sad. Instead of the desired goal, which had drawn him here following the runaway son, there was now emptiness." – Extracted from Hermann Hesse, *"Siddhartha"*, pp.100, Norilana Books, (2007)

Celso era bancário e tinha passado havia pouco dos cinqüenta. Acordava cedo pela manhã, preparava o café, acordava os filhos e a esposa, tomava um banho. Eles tinham o hábito de tomar juntos o café da manhã. Andreza tinha dezesseis anos e vestia minissaia. Ela cursava o penúltimo ano do segundo grau. Celso era rigoroso com a filha querida. Questionava-a pela manhã com relação às lições do dia, queria saber das datas de suas provas, sobre as notas da menina. Celso Júnior era dois anos mais novo que a irmã e estava no último ano do fundamental. Celso enxergava nas realizações do filho um bálsamo para as suas próprias frustrações e limitações quando adolescente. De fato o filho tinha um *sex appeal* bem maior que ele tivera nos tempos de moleque. Era extrovertido e comunicativo, fazia amizades como quem descasca uma banana (ao passo que o círculo de amizades de Celso, o pai, era tão minguado quanto são os dedos de um soldado desarmador de minas, fracassado na carreira). Letícia era católica, correta, mãe dedicada, exemplar. Além de cuidar da casa, cosia para fora como forma de ajudar com a renda da família. Dava-se por satisfeita com o papai-mamãe trimestral que praticava com o marido.

Naquela manhã Celso ficou atônito ao ler nas manchetes do jornal, ainda à mesa do café, que Doutor Régis havia sofrido um infarto fulminante e falecido sob condição lamentável no recinto de certa bodega de quinta categoria. Todo dia era a mesma coisa. De repente aquela estranha realidade caía como um elefante sobre sua consciência. De súbito ele se dava conta de que exercia um papel determinante nos óbitos da comunidade. E pensava em Bianca. No seu rosto delicado; no verde-marinho dos seus olhos; naquele semblante doce e terno.

Celso pensava em procurar por ela. Tirar a limpo as dúvidas todas que o afligia. Falar daquele seu desejo absurdo que não se consumava nunca. Sobre os encontros furtivos no topo da montanha. Ele sabia onde Bianca trabalhava, onde a encontrar. Mas ele era fraco. E desde que determinadas sensações e pensamentos estranhos passaram a habitar sua mente ele jamais tinha visto a garota pelas ruas da cidade. Era como se estivessem se escondendo um do outro. Todo dia era a mesma coisa. E ele não podia deixar-se levar por esse tipo de impulso menor. Às vezes pensava que estava mesmo ficando louco. Pensava em procurar por ajuda, um psiquiatra. Mas resistia bravamente (toscamente?) aos seus impulsos. Calava aquela sua voz interior.

d) Mais de meia centena deles

"o mais simples
remete ao mais profundo dos signos
desejo que traz consigo a saudade
das tardes quentes de suor
tua cor é minha preferida
vê aquela estrela no céu?
a gente vai se mudar para lá
onde posso sentir eterno o teu perfume intenso
beijar a tua boca vermelha
agora repousa tranqüila com os Anjos
eu aqui a fumar-te
inteira em minha mente"

– Extraído do sítio www.jorgexerxes.wordpress.com

Levou tempo para que os ensinamentos de Jorge se cristalizassem na mente de Celso. Ele fazia o tipo cabeça-dura (mas essa sua característica também era parte dos desígnios, ainda que ele nem sequer suspeitasse disso). O tempo transcorre fluido e contínuo na pedra celeste que denominamos de Terra (noutros cantos não é assim). Celso presenciou muitas mortes e os seus defuntos. Mais de meia centena deles.

Com o passar dos dias (e das noites) tanto Celso quanto Bianca compreenderam as sutis conexões que separam o mundo dos mortos daquele dos vivos – apesar de pouco se falarem. Eles eram capazes de enxergar numa alma prestes a abandonar o corpo aquele transbordar do recipiente, aquela espécie de saturação, imunizante de qualquer outra experiência subseqüente em dado padrão organizacional da criatura. Celso viu isso nos leitos dos hospitais. Bianca também observou isso no fundo dos globos oculares de motoristas sonolentos. Celso podia até inferir qual seria o próximo defunto. E muita vez acertava o palpite. Afinal, tinha presenciado mais de meia centena deles.

Como de costume, Celso deixou sua casa pela porta dos fundos, na calada da noite, e caminhou por cinqüenta minutos através da trilha pedregosa que levava ao topo da velha montanha. Naquela noite, as luzes da cidade eram encobertas por fortes brumas e as estrelas imprimiam seu brilho diretamente nas retinas dele, privilégio que só a atmosfera diáfana do interior era capaz de produzir. Bianca o estava esperando lá em cima. O seu penhoar de seda branca parecia ter vida própria e flanava ao vento. Os seus pés estavam deliciosamente descalços. Eles se entreolharam por alguns instantes. Jorge não apareceu. Finalmente, puderam se abraçar – longamente. Seus lábios se tocaram, ardentes de desejo. Só então emergiu a mais profunda das recordações: ambos tinham morrido instantaneamente na colisão frontal de seus veículos.

Porque elas sequer existem sem você

– Quero extrair o cheiro das flores.
Hei de retê-lo num frasco hermético.
Guardarei a essência para depois.

– Não merece crédito a ação que ergue barreiras;
que separa.
Antes de prosseguir em seu intento
hão de devorar os vermes a tua carne.
Exalará dela o putrefato que habita tua alma.
Nem este será possível apreender.

– Mas se a alma é minha,
penso dela o que quiser.

– De fato,
nada é sem que os outros a percebam.
É da diferença que resulta a existência;
toda ela.

– Onde reside então a liberdade?

– Muitos dirão que ela não existe.
Insisto que sim.

– Se não posso conceber o todo,
devo ser mesmo limitada.

– É porque pensas demais em si mesma
enquanto autônoma criatura.
Quando és parte de consciência superior.
Tão importante como todas as outras.
Que elas sequer existem
sem você.

– O mapa que trago em minha pele?

– O dragão não vai devorá-lo.
Nem ele irá vencer o dragão.
Resulta da tensão dos opostos
a força que ele carrega.

Da obsessão

Começar de novo

ler, viver, escrever

todos os dias

ler, viver, escrever

apaixonadamente

Compostura!

Ele - o poeta -
sobejo léxico,
nímio linotipista,
à penúria de teor
erigiu o silêncio.

Por amor

s
a
l
t
o

s
e
m

p
á
r
a

-

q
u
e

d
a
s

– sei que posso flutuar

Réplica à Confissão de Picasso

(1) As múltiplas possibilidades artísticas transcendem os retratos de época. Ex: Imagine uma seqüência de pinturas rupestres apresentando um hominídeo da espécie *Homo erectus* tentando extrair faíscas de pedras lascadas. De repente, frente ao fracasso da primeira tentativa, este lança mão de um telefone celular; pede a receita do fogo para o seu colega mais sabido; e produz luz. Esta alegoria certamente se vale de uma expressão primitiva, embora incorpore elementos atuais, consubstanciando a arte contemporânea. De fato, a arte pode romper com a restrição imposta pelo tempo – para além daquilo que sugere a Teoria da Relatividade Especial.

(2) Os *hippies* lhe parecem ridículos? Ouça "Little Wing", "Castles Made of Sand" ou "Bold As Love" de Jimi Hendrix. Ouça sua versão para "All Along the Watchtower" de Dylan. Jimi Hendrix revolucionou o som da guitarra. É o gênio *hippie* inconteste. As distorções e efeitos que ele introduziu em suas canções originais reverberam através de diversos dos ritmos musicais contemporâneos – propagação de ondas além túmulo?

(3) Mas a grande maioria de suas canções tem pouco ou nenhum apelo popular. Exceto algumas de suas pérolas, como aquelas citadas acima – existem tantas outras, quiçá ainda mais brilhantes – que só podem ser apreciadas após um profundo conhecimento do *rock* e do

rhythm and blues – formatos artísticos que Jimi Hendrix literalmente botou de pernas para o ar. Decorre daí que o principal critério para a permanência de uma forma de arte não é a aceitação do público. Mas sim a capacidade transformadora da obra. A semente muita vez passa desapercebida (e isso evita que ela seja devorada pelos predadores; existem aos montes por aí). Com o tempo as raízes cravam profundas na terra, mostra seu tronco robusto: revela-se ramificação da vida.

(4) Sobre a confissão de Picasso:

"Na arte de hoje os 'refinados', os ricos, os profissionais do lazer, os destiladores de quintessências, todos desejam apenas o peculiar, o sensacional, o excêntrico, o escandaloso. Eu mesmo, desde o advento do cubismo, alimentei esses companheiros com o que eles queriam e satisfiz os críticos com todas as ideias ridículas que já passaram pela minha mente. Quanto menos eles me entendiam, mais me admiravam. E assim divertindo-me com essas farsas absurdas, eu fiquei célebre, e bem rapidamente. Para um pintor, celebridade significa vendas e conseqüentemente afluência. Hoje, como você sabe, eu sou célebre, eu sou rico. Mas quando estou sozinho, eu não tenho o descaramento de me considerar um artista completo, no velho significado da palavra. Giotto, Ticiano, Rembrandt, Goya foram grandes pintores. Eu sou apenas um palhaço público – um charlatão. Eu entendi meu tempo e explorei a imbecilidade, a vaidade, a avidez de meus contemporâneos. É uma confissão amarga, mais dolorosa do que possa parecer. Mas pelo menos ela tem o mérito de ser honesta." (Pablo Picasso, 1951)

– Arroubo poético?

(5) E decorre do item anterior o seu reconhecimento pela genialidade do próximo – seja este Giotto, Ticiano, Rembrandt, Goya ou outro ainda. Dentro do balaio da arte existe espaço para a subjetividade. A quinta-essência da arte é a capacidade que esta traz de conectar as criaturas. São muitos os veículos através dos quais a arte se manifesta: conceito, imagem, ideia, sabor, som, movimento... e até mesmo o questionamento quanto a ela própria – como a confissão de Picasso.

(6) Com a população mundial se aproximando da casa dos sete bilhões de habitantes – com tanta cultura e diversidade; com os avanços tecnológicos e as ferramentas computacionais – deve haver espaço para as mais variadas manifestações artísticas. O que estas têm em comum é a capacidade de unir, conectar em torno de uma ou de infinitas ideias.

(7) E com vistas a essa perspectiva não-excludente: arte é um direito de todos! Você lê o seu Paulo Coelho, eu leio meu Rubem Fonseca.

(8) "Haverá vida depois das seis?"

O abandono

Eu sou João. Mas se olho no espelho, a imagem que vejo é aquela do demônio. A besta fera de sete cabeças, as bocas cheias de grandes dentes pontiagudos. A dor é imensa. A baba escorre pegajosa de minhas bocas. A dor é intensa. Os globos vermelhos saltam de minhas órbitas. A dor é insana. Sou meu próprio labirinto aqui na ilha de Patmos. Para descer de onde estou – para dentro de mim – percorro uma miríade de escadas através de nuvens, repleta de bifurcações. Sigo passagens por entre estranhas formações de vapor. São as minhas próprias entranhas. Essa é a única mística na qual ainda acredito. No passado dessas paragens – que agora nada mais dizem – um estrangulamento do tempo colapsou o eterno porvir, naquele que é. Observo a noite. Observo as estrelas. São tão belas! Mas estão ausentes. Por que nos abandonaram? São inextricáveis possibilidades de seres. Desdobramentos da existência. E não adianta lutar: habita-me o devaneio. Um remoinho sobre minha cabeça. (Não eram sete?)

O novo conto da tarde verde de ontem

O céu soprou o cheiro do sol.
E à noite orvalho também.
Deito no seu colo macio.
Descanso a cabeça.
Um verde arrebatador é o seu regalo.
Doce a tarde quente de ontem.

Mais que a de hoje –
Depois de amanhã; anteontem de agora.

Doce quente lambuza a tarde.
Seu regalo é de um verde arrebatador.
Minha cabeça descansa.
No seu colo macio eu me deito.
Orvalho também quando a noite chega.
O cheiro do céu soprando ontem ao sol.



Mais que a de hoje
Depois de amanhã, anteontem de agora

Dentro da moreninha

Se o gelo fosse alimento,
Carlos comeria.
A insignificância de seus próprios momentos,
instantes do agora.
Carregando à face o denso bigode.
Tantos dias a errar pelo caminho.
Sim,
Carlos comeria.
Abraçaria suave a sua delícia.
Deixá-la-ia molhadinha.
Carlos tiraria a calcinha.
Botava de quatro,
enfiava com muito carinho.
Deslizaria gostoso
dentro da moreninha.
Ah, Carlos!
Uma nova estrela
no céu brilharia.
Junto ao gozo compartilhado
com a moreninha.
Assim é o amor:
beleza e alegria!

Rafael e a telecinese: uma história real

Rafael pediu um copo com água. Era preciso botar um ponto final naquilo.

* * *

Sua lembrança mais remota remonta tenra idade, quando seu lobo frontal iniciou certa atividade num dado padrão vibratório de alta freqüência. Rafael tinha a sensação que essa parte de seu cérebro transcendia os limites da fronte. Com o passar do tempo, o pulsar do lobo entrou em regime e era para ele um análogo daquilo que são os bigodes para os gatos – apesar de não ter a vivência dos felinos, assim é que ele mais gostava de se referir àquela experiência ulterior. Espécie de esfera energética que irradiava de sua mente. Aguçava-lhe os sentidos. Dependendo do momento, a intensidade podia ser amplificada ou diminuída. Rafael associava o aumento da intensidade aos estados conscientes de grande concentração para a realização de atividades intelectuais, e mesmo outros estados alterados da mente, como aqueles relacionados à religiosidade ou aos estágios intermediários entre a vigília e o sono. Nesses instantes era como se seu corpo aumentasse de tamanho – sua cabeça gorda por vezes parecia ocupar o volume de todo o quarto. Se estivesse na penumbra, podia presenciar até a emissão de raios de baixa intensidade ou fagulhas eletrostáticas; eventualmente capazes de alumiar os filamentos incandescentes internos do bulbo de uma lâmpada. Isso era o máximo que ele conseguia em termos de atividade psicocinética; e mesmo assim, dificilmente conseguia o

efeito enquanto estivesse acompanhado de testemunha. Por isso é que Rafael preferia guardar essas sensações e experiências em seu íntimo, evitando assim se fazer passar por ridículo ou falastrão. Apenas comentava as experiências, em linhas mais gerais, para um ou outro amigo mais chegado, sem entrar muito nos detalhes, e também para uns poucos entes da família. E assim, de forma superficial apenas, é que sou capaz de narrá-las ao prezado leitor.

* * *

Conheci Rafael por volta dos doze ou treze anos de idade, pelo fato de iniciarmos o ano letivo na mesma classe do ensino fundamental. Logo nos tornamos amigos. Descobrimos que morávamos no mesmo bairro e, desde então, jogávamos bola juntos, pedalávamos pelas trilhas aos arredores da pequena cidade do interior, e foi juntos que fizemos as nossas primeiras incursões pela noite – doces as descobertas do sexo oposto.

Havia uma menina que, aos dezesseis anos de idade, trazia consigo a luz que eclipsava todas as demais: era de uma beleza natural, doçura em sua voz e suave harmonia dos movimentos que fazia dela uma garota ímpar no contexto da comunidade que habitávamos. Seu nome era Silvia e morava no bairro mais abastado da cidade. Tanto eu quanto Rafael sabíamos que Silvia não era garota para gente mais humilde, como nós. Contentávamos-nos, ao longe, com o doce emanar de sua graça juvenil, enquanto outros moleques, filhos de pais ricos, é que se atreviam às incursões mais próximas ao círculo das meninas que ela polarizava. Numa dessas noites Rafael disse:

– Jorge, vai lá que a Silvia é tua.

Confesso que na hora minhas pernas bambearam, como seria possível eu realizar aquela investida, com tantos competidores potencialmente mais fortes? E então, ouvi novamente dele, não um comentário ou sugestão, mas uma verdadeira ordem de comando:

– Jorge, vai lá que a Silvia é tua.

E esse foi o ponto de partida da minha história com Silvia. Até hoje acho incrível e admirável a sintonia entre nós: fato é que nos casamos, tivemos três filhos (duas meninas e um menino) e um complementa o outro como o ideal de todo casal.

* * *

Mas essa história é sobre meu amigo Rafael. Parece que trazemos dentro do peito essa estranha tendência de querer enxergar o mundo apenas sob nossa própria ótica; valorizar mais a nós mesmos e àquilo que nos atormenta; o que se passa com o outro muita vez nos passa desapercebido. Mudemos o foco.

Estudei com Rafael até o final do colegial e esses anos da adolescência foram aqueles em que fomos mais próximos. Não que a amizade tenha deteriorado, mas é que com o passar do tempo naturalmente assumimos maiores responsabilidades frente à vida e também a distância impôs certa barreira à nossa convivência freqüente: Rafael foi cursar direito na capital. Lá ele conheceu Ana. Eles também sempre se deram muito bem. Depois de alguns anos se casaram. Eu estava presente àquela celebração efusiva quando a taça de cristal que repousava sobre o altar se desfez numa miríade de pequenos cacos logo que os noivos se beijaram. Lembro que aquilo foi muito comentado à época. Mas se deu num dia quente de verão, quando da chegada de uma frente fria: o fenômeno acabou sendo explicado pela física da contração súbita do material frágil do cálice (apenas).

Rafael e Ana não tiveram filhos. Por incapacidade de um ou do outro de conduzir à concepção. Durante os anos que peregrinaram na busca de especialistas em reprodução humana, lembro que os ânimos entre o casal se acirraram. Mas a situação parece ter voltado à normalidade depois que eles optaram pela adoção de uma pequena menina – tão doce que parecia ter sido gerada pelo próprio casal.

* * *

Rafael também ascendeu na carreira. Começou como auxiliar num escritório de direito das causas cíveis, mas logo ganhou posição de destaque entre os colegas. Ele próprio me confidenciou que sua sensibilidade aguçada à atividade do lobo frontal, de uma maneira um tanto quanto subjetiva, possibilitava com que ele fizesse distinção dos seus clientes entre os que diziam a verdade e aqueles que estavam mentindo:

– Numa conversa direta, quando há sintonia das ideias, é como se os campos ulteriores das cabeças desenvolvessem espécie de interferência construtiva. Assim, esses fluxos energéticos se sobrepõem, o que favorece em muito o andamento dos trabalhos e os desenvolvimentos conjuntos. O sucesso nesses casos cíveis dá-se então, de forma fácil, quase natural. Por outro lado, quando percebo numa conversa preliminar a constrição do lobo, parece haver a interferência destrutiva; e as ondas energéticas se anulam.

E acrescentou:

– Jorge, eu tenho então grande certeza de que o cliente está mentindo e que o caso está fadado ao fracasso. Invento uma desculpa, peço que o cliente procure por outro advogado, e assim vou filtrando, separando o joio do trigo.

* * *

Conseqüência direta de sua inteligência aguçada, esforço pessoal e intuição é que Rafael, depois de acumulada experiência como militante na advocacia, decidiu abrir o seu próprio escritório. E esse foi o período mais próspero na vida de Rafael, Ana e Carolina – a filha adotiva do casal que, à época, entrava na adolescência. Rafael tinha acumulado exímia reputação como advogado das causas cíveis e optado por trabalhar sozinho, pegando poucos casos que lhe rendessem o sustento da família bem como a necessária paz de espírito (posto que não era sujeito ambicioso, embora tivesse apreço pelo conforto).

* * *

Foi naquela manhã com o céu limpo de outono que Rafael recebeu a visita de um cliente potencial. O latifundiário de nome Jacinto lhe pareceu boa pessoa, era simples e direto; tinha a fala mansa que transmitia grande segurança. Naquela primeira entrevista Jacinto queixou-se das acusações infundadas que lhe foram impingidas: a anexação indevida de terras às margens de sua propriedade, roubo de gado, exploração da mão-de-obra em regime de semi-escravidão e ameaças de morte aos sertanejos das cercanias – que agora o denunciavam sob amparo do Estado. O semblante de Jacinto se desfez e ele chorou copiosamente; trazia nos olhos a inocência de uma criança. Rafael sensibilizou-se com a causa e prometeu ajuda ao seu mais novo cliente. Com o passar do tempo e o avanço do processo nas diferentes instâncias – sempre com o parecer favorável ao latifundiário, e graças às investidas brilhantes de seu defensor – Rafael começou a sofrer de profunda angústia sempre que tratava de assuntos relativos à causa. Ele comentou comigo certa vez que nos encontramos:

– Jorge, anteontem tive um encontro de trabalho com Jacinto no meu escritório. Logo que ele adentrou o recinto, foi como se trouxesse consigo todo um enxame de abelhas. Eu simplesmente não conseguia raciocinar. Sentia minhas faculdades mentais diminuídas sobremaneira. Um ruído agudo de fundo ressoava interno à minha mente, algo que eu nunca tinha experimentado, que eu não tinha como controlar. Quando ele se foi eu disse para a secretária cancelar todos os demais compromissos do dia. Cheguei em casa por volta das cinco da tarde, sentia como se tivesse sido atropelado por um rolo compressor, deitei na cama e só fui acordar no dia seguinte.

Arrependo-me até hoje por não ter dito nada em resposta àquele seu desabafo (porque eu não gostava quando Rafael começava com aquele falatório subjetivo). Foi a última vez que conversamos; e dali em diante só me resta colecionar os cacos daquilo que eu pude juntar: do que soube através da imprensa, de minhas conversas com Ana e do que li nos grossos relatórios da perícia técnica.

* * *

Rafael trabalhou algumas noites na construção de um *nunchaku*; um bastão bi-seccionado usado em diversos estilos de lutas chinesas e japonesas. Parecia muito consciencioso sobre os seus planos futuros. As extremidades ele fez a partir de um cabo de vassoura cilíndrico, de madeira. O elemento flexível intermediário era constituído de um fio de *nylon* resistente, de bitola 0.06 polegada, específico para a pesca em alto mar. As extremidades rígidas do *nunchaku* encontravam-se separadas pelo comprimento de exatos 400mm do fio de *nylon*.

Na tarde da quarta seguinte, dia dois de dezembro, Rafael e Jacinto se reuniram no escritório do advogado. Rafael havia comunicado à secretária que ela estaria liberada tão logo recebesse e encaminhasse ao seu escritório Jacinto – o último cliente do dia. E assim ela fez; deixou o escritório mais cedo naquele dia. Lua cheia às 16h14: Rafael enrolou o *nunchaku* ao pescoço de Jacinto e tracionou o fio de *nylon* valendo-se das empunhaduras de madeira. Olhava profundamente através dos olhos de Jacinto. Das narinas do latifundiário começaram a vazar fios de sangue. As órbitas de seus olhos pareciam saltar; suas escleróticas apresentavam evidentes as delicadas ramificações dos veios de sangue – rubros olhos. Tombou morto. Rafael ligou para a polícia e confessou o crime.

* * *

O episódio ganhou projeção nacional. Muito se especulou a respeito. Foi provado que Jacinto era mesmo culpado pelos crimes de que estava sendo acusado. Durante os três anos de julgamento, Rafael permaneceu em liberdade por ser réu primário. Foram tempos difíceis para meu amigo. Ele não podia botar os pés para fora de casa; o assédio da imprensa era implacável; sua existência transformou-se em verdadeiro martírio. Nesse meio tempo eu não tive oportunidade de me encontrar ou conversar com ele (como já havia adiantado na narrativa). Rafael foi condenado a sete anos de prisão.

* * *

Era sua primeira noite na cadeia. Rafael pediu um copo com água. Era preciso botar um ponto final naquilo.

No dia seguinte, pela manhã, os carcereiros ficaram pasmos com o que encontraram: Sobre o leito havia apenas uma fina camada com resquícios de cinzas, uma rosa vermelha e um canudo de papel amarrado com barbante.

* * *

o emaranhado das criaturas transcende o limite dos corpos
para a união no espaço ulterior
o sutil habita-nos assim como nossa existência se dá através dele
num momento ou noutro essas portas sensoriais hão de se desvelar
uma ordem de coisas genuína e libertária
que a mente humana jamais ousou conceber
para que encerrarmo-nos então dentro de nós mesmos?
fingirmos a felicidade efêmera provida pelo consumismo desenfreado?
não sou melhor nem pior que meu irmão Jacinto (ou Jorge)
mas optei pela transfiguração numa simples flor
espero com isso provar
através desse meu perfume
que penetro às vossas ventas
que sou capaz de acalentar o sonho mais puro de tua alma
porque não pendurei a garrucha à parede fria
que abriga os desiludidos desse mundo

Um som do caralho

às vezes ouço isso: um som do caralho
tão alto que atravessa a mente
qual flecha num arco
as ondas lanço de um sol agora a noite
que fica do outro lado do mundo
a guitarra distorcida aponta contra o mesmo
o teto e as paredes acima do assoalho
em baixo
cada acorde de um gole só
amanhã conto para ela das coisas de hoje

além da última estrela o que vem depois
eu não sei

Uma singela homenagem ao álbum "Axis Bold As Love" do power trio Jimi Hendrix Experience (1967)

O jogo dos nove

Jacinto adentra a birosca e pede uma dose de aguardente. Jorge está com o taco na mão pronto para mais uma daquelas suas bolas redondas. Ele bate forte e ela arrebenta no fundo da caçapa. Ele pensa numa tarde quente, na sala de estar, apalpando os seios dela. Acariciando-os e apertando de leve os melões enrubescidos de tesão. O nome dela é aquele das curvas empinadas na bunda. O vão doce entre as ancas. Ele bate uma dose forte da aguardente de um gole só, o Jacinto.

Diogo entra calado no recinto. Antonio olha para o alto, depois para baixo. Agora são onze horas e vinte e três minutos da noite; eles jogam o nove na bodega tomando umas biritas. A macaxeira frita é o tira gosto perfeito que ele morde com os dentes grandes da sua fome. Amanhã será um dia frio e chuvoso.

Pensa naqueles movimentos sensuais com ela por cima, encaixada no taco. Se as mordidas na nuca e nos ombros delicados deixarão as marcas depois, imagine a explosão de energia naquele exato momento. Antonio olha para o alto, depois para baixo. A cabeça de Jacinto parece explodir ao vê-la de quatro. O busto abaixo através do vazio entre as pernas.

O nove é um jogo difícil. Requer as cinco sensações no mais elevado patamar da consciência. Primeiro o tato. Precisa saber onde vai pôr. A visão dentro do par de globos oculares para captar o espectro das impressões no rosto dela. O cheiro doce de seu sexo. O gosto da sua vulva em chamas. Ouvir as notas sutis dos seus gemidos. Antonio olha para o alto, depois para baixo.

Diogo: ele não deixa de pensar nisso. As outras quatro no jogo dos nove são as cartas de um baralho. Primeiro o sete de ouros; outra carta é o às de espadas; depois vem o sete de copas; enfim, o quatro de paus. Na ordem crescente. Quem fizer os nove completa a rodada. Os tacos e as bolas intatas. Porque ninguém quer botar a perder.

Toda a potencialidade da mente

(I)

O individuo se separa
do conteúdo cósmico,
sua contrapartida em energia.
O instante singular dá-se
exatamente na concepção,
ativação alquímica catalisadora.
O ato sexual homem-mulher;
ou coito entre um par de outra espécie;
até a polinização do gineceu
de uma flor
são exemplos de antigo poder
atribuído à pedra.
Ressaltam-se a composição harmônica,
as porções exatas de energia,
os opostos nos sinais.
À parte original cabem o direito e a liberdade
do seu desenvolvimento,
uma criatura autônoma.
O montante das atividades cognitivas
– físicas ou mentais –
desses seres na fase de separação das criaturas
é o complementar do Universo
em fase de integração inconsciente.
Cobre-se então
toda a potencialidade da mente.
(A morte é o retorno)

(II)

(A vida é o início)
Toda a potencialidade da mente

O "segredo" de Adalberto Vaz

Nada preocupava tanto Adalberto Vaz quanto aquela sua crença doentia de que caso não passasse adiante as apresentações que recebia por *email* um desastre de fato ocorreria consigo. Como o volume de mensagens de auto-ajuda só fazia aumentar em sua caixa postal, a questão havia tomado dimensão de primeira grandeza na ordem do dia.

Já havia passado por alguns especialistas que diagnosticaram essa sua mania como uma variante do transtorno obsessivo compulsivo. Mas o medicamento não surtiu efeito, mesmo no limite superior da posologia prescrita. Tampouco valeu a terapêutica auxiliar, que consistia em sessões bi-semanais com uma psicoterapeuta bem tesuda. Nada levantava o moral de um Adalberto Vaz aquiescido à triste sina de criatura destituída do poder de persuasão da lógica elementar.

Não adiantava mudar de endereço eletrônico. Este era o paliativo do qual se valia em momentos de crise mais aguda. Com o tempo Vaz voltava a ser bombardeado pelas malditas mensagens e correntes; e a sua esperança naufragava mesmo se prosseguisse conforme mandava o figurino.

Alguém recomendou que lançasse mão do feitiço contra o próprio feiticeiro: – *Se as mensagens te facultam um pedido, peça que elas cessem, ou para que alivie esse seu desassossego.* Todo esforço e empenho foram vãos. Adalberto Vaz chafurdava cada vez mais

fundo nos labirintos de seu universo interior. Vaz só absorvia o contraproducente do contexto; como se jogasse cara ou coroa com uma moeda e desse cara sempre que tivesse apostado na coroa, ou coroa caso tivesse botado fé na cara.

* * *

O céu de um azul esplêndido. Adalberto Vaz sentia-se impelido a prosseguir sua jornada íngreme rumo ao topo. Através da trilha estreita e rodeada daquele verde vivo, singular. A mata fechada por árvores e arbustos protegia o cume do monte cuja vista poderia lhe proporcionar o mais belo crepúsculo das cercanias. Exercício ou arte da superação. Porém, quando Vaz chegou ao topo, o sol já tinha baixado e surgiam as primeiras estrelas no céu. Seria esta uma noite escura de lua nova. – *Como vou descer daqui agora?* – foi a primeira ideia que passou por sua cabeça.

Vaz ouviu então as gargalhadas efusivas de homens simples do interior. Olhou uns trinta metros adiante, pode observar por detrás de alguns arbustos a roda de amigos que se formava em torno de uma pequena chama a consumir gravetos. Eram Antonio, Diogo, Jorge e Jacinto. Encerravam uma bagana que era compartilhada entre eles.

Foi Antonio quem primeiro percebeu a aproximação de Adalberto Vaz. Lançou-lhe aquele seu olhar esbugalhado. Os globos praticamente saltando das órbitas; as escleróticas rachadas pelos vasos sanguíneos salientes da chapação.

– *Se achegue aí, amigo!*

E Diogo prosseguiu:

– *O que o traz aqui, vindo de tão longe?*

Os olhos de Vaz encheram-se de lágrimas, já não podia conter o pranto que lhe corria pela face, em pura catarse.

E Adalberto Vaz falou do seu desassossego.

Jorge – o mais calado dos homens – foi quem tomou um pedaço do papel usado na elaboração do cigarro do matuto. Tirou um toco de lápis do bolso de sua camisa surrada. Escreveu. Estava sentado de cócoras. Com a mão esquerda grafava as palavras simples no papel apoiado sobre seu joelho direito. Jacinto disse que aquela mensagem devia ser enviada para o remetente de cada um dos emails de auto-ajuda que Vaz recebesse.

Adalberto Vaz despertou do sonho estupefato e encharcado de suor. Ainda se lembrava do conteúdo de estranha mensagem.

* * *

Naquela manhã, quando recebeu o primeiro email de auto-ajuda do dia, Vaz digitou ferozmente no teclado a mensagem de resposta exatamente como ditada pelo interlocutor no sonho. Mas hesitou em enviá-la de imediato. Ao invés disso, Adalberto Vaz encaminhou o arquivo multimídia para vinte conhecidos seus, exatamente como procedia havia vários anos, desde que adquiriu seu primeiro *pc*. Sentiu um aperto grande no peito. Então disparou o *email* que estava arquivado em *draft*. Iluminou seu coração; era como se o sol alvorecesse dentro dele.

No começo Vaz se sentia um pouco desconfortável sempre que acontecia algum acidente ou fenômeno natural devastador. Adalberto Vaz pensava que, eventualmente, talvez fosse ele o responsável por este ou aquele acidente automobilístico, deslizamento de terra, terremoto ou *tsunami*. Mas isso era loucura. Aos poucos essa estranha sensação amainou.

Iniciou-se então o processo reverso que era um movimento de assombrosa expansão. Toda vez que Vaz recebia mensagem de auto-ajuda, ele enviava aquele *email* macabro para o destinatário apenas. (É fato que Adalberto Vaz continuava a encaminhar as apresentações para vinte de seus conhecidos). Mas agora Vaz valia-se do poder da

mensagem travessa em prol da realização do seu desejo. Foi assim que Adalberto Vaz varreu os *emails* de auto-ajuda da face de toda a Terra.

* * *

Vaz virou celebridade, escreveu um livro e era visto com freqüência dando entrevistas nos programas de *tv*. Adalberto Vaz era outro: expansivo, falava com naturalidade sobre os seus problemas com o *TOC*, como este limita as atividades cognitivas dos enfermos, como "ele" teve a ideia de banir as mensagens de auto-ajuda do planeta, traçava paralelos desse tipo de conteúdo com o vampirismo e dizia que o poder da mente pode superar todos os obstáculos (porém, jamais mencionou a experiência transcendental do sonho).

A ambição de Vaz parecia não ter limites. Criou a *Adalberto Vaz Consulting* e dava treinamento para altos executivos de empresas. Cobrava, então, rios de dinheiro pelas suas afamadas palestras. Vaz insistia ser capaz de superar todo e qualquer tipo de obstáculo usando única e exclusivamente o poder da mente. Adalberto Vaz gostava de ostentar. Promovia festas para as quais convidava atrizes e modelos emergentes; todas aquelas que eram capas das revistas da vez.

Depois de uma dessas baladas extravagantes, Vaz pediu para deitar só, pois teria uma reunião importante na manhã do dia seguinte. Aquela noite Adalberto Vaz caiu num sono profundo.

* * *

Vaz foi ter com Antonio, Diogo, Jorge e Jacinto. Subiu enérgico pela trilha estreita que levava ao cume da montanha na hora do crepúsculo. Os homens estavam sentados ao redor da fogueira jogando conversa fora, como era de costume. Achegou-se fazendo estardalhaço:

– E aí, meus camaradas?

Antonio lançou-lhe aquele seu olhar esbugalhado. Diogo disse calmamente para Adalberto Vaz:

– Por favor, sente-se aqui conosco.

A conversa prosseguiu animada. Jacinto levantou-se e andou em torno do círculo no qual se postavam os homens. Ele botou a mão direita uns vinte centímetros acima da cabeça de Adalberto Vaz. Cerrou o punho como se apanhasse algo no ar; fez um movimento brusco de rotação da sua mão no sentido anti-horário.

– Esses humanos não aprendem mesmo. É só a gente dar uma mão; querem logo o braço.

* * *

Manhã seguinte Vaz não se levantou.

* * *

Se Você recebeu essa mensagem tem o direito de fazer um pedido.

Por favor, não passe esse email adiante. Um bancário encaminhou essa mensagem para sua esposa. Ela foi atingida por uma bala perdida e ficou paraplégica. Um montador desobedeceu esta recomendação enviando o email para três de seus amigos. Naquele mesmo dia o carro em que estavam os quatro foi esmagado num engavetamento entre duas carretas. Nenhum deles sobreviveu. Uma secretária passou inadvertidamente a mensagem adiante para dezessete funcionários de sua seção horas antes de sair de férias e embarcar num cruzeiro. O navio em que ela estava naufragou. Cento e trinta e duas pessoas morreram.

Enquanto ela dorme: para estar contigo

para estar contigo...

desde que eu me levanto
carrego o coração comigo
para cima e para baixo
sigo assim: levo-o ao longo do dia
reflete o brilho do sol
naquilo que eu faço
deixo que dele escorra
e sempre que eu erro
eu que erro sempre
ele regenera a ferida
faz dela surgir o nOvo
qual cachoeira que brota
das serras verdes da alma

Nasceu dia desses sob a morada simples de um vernáculo zodíaco. A bicicleta que ela guia a transporta através de caminhos estreitos por entre os montes. Graduou-se nas faculdades ocultas da mente. Caminha de braços dados com os sete ventos. Dorme debaixo das árvores. Encanta-se à face atrevida do sol – a mais formosa sonhadora. Deleite é vê-la correndo faceira. Mil borboletas flanam volúveis enquanto ela dorme.

para exercer seu feitio
entoar a macumba em forma de espanto
à calada da noite
nas encruzilhadas da mente

A precessão dos equinócios

Um grupo de seis pesquisadores indianos radicados no MIT otnemaoçiefrepa oa sodutse sues ed sadacéd saud uocided da capacidade cognitiva do ser humano pela leitura. De início esse moc adazitetnis acimíuq uo agord amuglan marasnep intuito – a ideia era aquela de potencializar as sinapses ed odúetnoc od oãçrosba ad oãçavele etneüqesnoc à odnavel leitura. Entretanto, apesar de vasta experiência e dedicação muhnen me maratluser oãn sodutse siat ,satsitneic sod fármaco de eficácia adequada para este propósito. O grupo, serodasiuqsep sod snuglA .odnevlossid es uobaca ,mifne foram absorvidos pela indústria bioquímica. Outros sanepA .sadamafa sonem sedadlucaf me ranoicel a marassap um dos cientistas retornou para o seu país de origem.

* * *

Argelinos imigraram para a Rússia. Tratava-se de uma onod ,etnaicremoc are rotinegorp O .aidém essalc ed ailímaf de uma livraria no país de origem. Incentivava os seus filhos marecelebatser es opmet ocuop mE .ocnifa moc meradutse a no estrangeiro. O menino e a menina em seus estudos. A mãe .sorvil ed rodednev omoc uoçemoc iap O .asac ad avadiuc Mais tarde adquiriu um sebo nos subúrbios de Moscou. O sodutse sues sod uitsised acnuN .ohnos mu ahnit onilegra para o aperfeiçoamento da capacidade cognitiva do ser aduja a moc – edrat siam sadacéd sauD .arutiel alep onamuh dos seus dois filhos – desenvolveu a tipografia de máxima .acimânid arutiel a arap aicnêicife

A espiral da vida

O botão recém desabrochado da rosa branca. As pétalas carnudas de vida, lentas, a girar. Sob a perspectiva e a parcimônia de um beija-flor: o sorriso amplo do sol a refletir em minúsculas gotículas espalhadas ao longo da superfície do verticilo em pétalas. O leito verde largo do rio a imprimir-lhe o movimento adiante. Velocidade ao prazer do fluxo líquido, vivo. Interrogação às margens sobre a possibilidade de vasta terra, da mata densa. Adiante sempre.

Noite anterior o russo havia lhes presenteado com aquela gentil metáfora acerca da vida. Dizia ele que se assemelhava a espiral ascendente. Com o tempo podia o homem vislumbrar os giros inferiores de sua experiência de vida. Podia mesmo lembrar-se de sua infância, de um aprendizado específico, do seu primeiro amor; mas era impossível a ele prever o seu futuro. Porém, este estava logo ali a perscrutar-lhe: numa nova curva acima, mais aberta e que girava em sentido anti-horário à espiral do seu destino – aquilo que lhe era cabido. O pior que podia acontecer a um homem, dizia o russo, era ele permanecer preso numa órbita espiral de mesmo diâmetro; a repetir-se infinitamente através da mola de seus erros; ele deixar de evoluir.

Triste; mas é assim que ele se sentia.

As cores daquele instante impingiam fortes sensações nauseantes. O verde avassalador da mata rica, densa e úmida das cercanias fazia

o contraponto à ausência de vida que animava o seu coração. O azul causticante e puro do céu ele inspirava e depois expirava às golfadas; como se sequer o ar lhe fosse mais digno. A cor alaranjada do sol que alumiava o novo dia. Preferia não ter presenciado a alvorada – logo ele para quem estes raios generosos sempre lhe pareceram tão revigorantes.

Um redemoinho de corvos à direita do monte. Eles esvoaçaram torpes, batiam com suas asas uns nos outros. Era como se blasfemassem contra a própria existência. Em movimentos circulares ascendestes dispersaram-se como se jamais tivessem estado ali (como se não pertencessem a esse mundo).

Transbordava o silêncio à subida da trilha.

Ele foi ter com os homens:

– Você não disse a ela para não segui-lo?

– Eu disse, vivo lhe dizendo isso. Mas você sabe como são elas: curiosas demais, querem saber tudo da gente.

– O que foi que aconteceu?

– Estava indo bem, ela sempre me respeitou, mas ontem a noite ela me seguiu.

– E o que foi que ela viu?

– As coisas que não devia.

– Como foi que você descobriu?

– Vi um arbusto se mexendo, ela deve ter se assustado e feito um movimento brusco na mata. Reconheci pela fazenda do seu vestido. Depois a vi correndo para longe dali.

– O que foi que ela ouviu?

– Ela ouviu as conversas, coisas que não devia, ela podia entender errado, pôr tudo a perder.

(O calvo pôs as mãos sobre o rosto e começou a soluçar. Agora chorava. O pranto copioso lhe corria a face.)

– Não tinha jeito, então.

– Foi o que eu pensei.

– Da outra vez foi com ele.

(Apontou para o magro).

– E depois?

– Quando cheguei à casa lá estava ela, no quarto, deitada na cama, de camisola branca à luz do lampião. Fingia ler alguma coisa, a dissimulada. Mas os olhos dela transpareciam puro espanto. Foi quando tive certeza.

– O que foi que você fez?

– Eu conversei com ela: "Não disse para você não me seguir? Por que você fez isso, meu amor? E agora, como vai ser?"

(O calvo parou de chorar e prestava máxima atenção a cada palavra; repetia-as com os movimentos dos lábios, mas sem emitir nenhum som, como que para atestar-lhes a sonoridade, ou a veracidade.)

– E então, o que aconteceu?

– Eu expliquei a ela o que devia ser feito. Mas essa hora já ia noite adentro. Disse que teríamos de esperar a aurora.

– E funcionou?

– O pior foi vê-la resmungando quieta, chorou baixinho toda a noite, acho que estava arrependida do que fez. Vi a vida esvair-se aos poucos dela. Não falou mais comigo.

– E então?

– Cumpriu sua sina. Quando amanheceu fizemos o que devia ser feito.

– Você tem certeza que saiu direito?

(O magro, o calvo, o corcunda e o gago lançaram-lhe um olhar de atravessar a alma.)

– Sim, esperamos o raiar do dia para que eu pudesse ver com meus próprios olhos.

– E o que foi que você viu?

– O leito verde largo do rio a fazer o seu trabalho. Ela foi só, com a camisola branca e as pedras amarradas aos seus pés.

Escolhe bem tua morte

(para que valha a pena a vida)

não foi intencional a delicada melodia
assim como saiu espontâneo e vasto o teu sorriso
ingênuo, doce, gentil
nenhum ato daquela peça havia sido previamente ensaiado
o teatro da dissimulação a espreitar do lado de fora
se os espaços e os tempos náufragos seguiram-se depois
é porque coube antes e noutro lugar a essência
remete aos sorvedouros das galáxias
que a matéria e a energia arrastam
sem dó nem piedade
nada há de ser revisto
nada há para ser dito
posto que coube ali
exata
efêmera e sublime
abissal
violenta ao extremo

4s cOis4s

O t4tO
tOc4r vOcê
O Olf4tO
4 4udiç4O
Ouvir vOcê
4 f4l4
O cimentO
4 4gu4
4 4rei4
4 m4téri4 d4 qu4l O tr4b4lh4dOr se renOv4
4 vid4
eu te 4mO

4 4legri4 ser4 mesmO especi4l

Til

O til sempre me intrigou
O til não reside na maconha

~~~~~~~~~~~~~~~~~~~~~~~~~~
~~~
~~~
~~~
~~~

Mas posso vê-lo no vôo dos pássaros

O til não mora na montanha

~~~~~~~~~~~~~~~~~~~~~~
~~~~~~~~~~~~~~~
~~~~~~~~~
~~~

Mas ele habita as cordilheiras

O til não existe no céu

~~~~
~~~~~~~~
~~~~~~~~
~~~~

Mas é sinal de fumaça

Nuvem
O til é de Deus ou do Diabo?
Existe na negação
Não
Eu não sei nada dele
~~~~

Anatomia entre dois saltos

O gato branco salta silencioso sobre a cadeira.
Observa profundamente os meus olhos
com aqueles OlhOs seus:
um verde e outro azul.
Depois ele deixa-se ir.
Lento,
sem medo,
como se nunca tivesse estado ali.
A cadeira ainda guarda o calor de seu corpo felídeo.
Sua arte do desvanecer.
A liberdade dele me diz muito:
da preguiça,
da coisa toda de não fazer,
do lamber-se cuidadoso e asseado.
Alvas felpas,
garras retráteis
e a cauda sinuosa.
Nada falam do que não foi.
Não se ocupam em espreitar o futuro
ou arrepender-se do que passou.
Fluem íntegras através do agora.
Vazam líquidas num caminhar sólido,
firme,
de um passo quieto e magro
de quem absorve a maciez do chão
e lhe devolve o salto em dobro.

O exército da salvação

Nessa estranha ordem de macumbeiros: ossos crucifixos de frango, goles de cachaça e velas pretas. Boto minhas mãos no fogo para que delas se queimem as palmas. Tiro das bolhas em agulhas espetadas de água. Sorvo dos corvos o vinho doce de seus corpos. Sinto as penas de suas mortes lentas. Mas não me deito em camas de espetos. Não sou magro e o diabo sabe bem o mal que faz aos outros. Anjos me ajudem a dormir cedo ante os meus olhos que quase se partem de tão rachados. Através dos mares distantes, em goles dessa salobra sabedoria náufraga. Arrasto-me pelas areias desérticas. Nem me lembro; nem sonho; nem sinto. De pé ou deitado, de pé ou deitado, de pé ou deitado.

– Salve as forças armadas! Salve o exército da salvação!

Mui70 m4is qu3 um l490

– n074s d3 vi493m

0s 0lh0s d3 9470 p4r4l3l0s à pis74. v4i 3 70rc3 um c4b3ç4 d3 nê90. um4 pi74d4 d0 f090 d0 s0l. 3u nã0 p0di4 cr3r n4quil0. m4n94-r0s4 fum394n73. mis7ur0 c0m um punh4d0 d3 l37r4s. 4qu3l3s s3us lábi0s. c0rr3m rápid0s 40 m3u 3nc0n7r0. 4c3l3r4 0 c0r4çã0 n0 p3i70. m0lh4d0s, c4rnud0s, b3m 7r4ç4d0s d3 b470m. 0s s0nh0s qu3 73nh0 3 nã0 0s 73nh0 4p3n4s. sã0 d3s3j0s m3us. pl4n74 d0 pé pis4 fund0 0 4c3l3r4d0r. 0lh0s d3 7i9r3s4 n39r4. m4cumb4 d3 brinc4r c0m 4s 3s7r3l4s. 3mb4r4lh4 0s s3n7id0s. s3us s3i0s f4r70s m4rc4d0s p3l0 d3c073 d4 blus4. 0u7r0s 74n70s quilôm37r0s p0r h0r4. b3b0 d3sd3 4 4ur0r4. mui70 m4is qu3 um l490. c0rr3 r3n73 4 pis74 d3 4sf4l70. s3us 0lh0s 3nc0n7r4m-s3 n0 infini70 d0s m3us. d3sd3 qu4nd0 3u 3scr3v0. b4ix4 0 zíp3r d3 minh4 c4lç4. 7ir4 p4r4 f0r4 0 m3u p4u. f4z um4 chup374 l3n74. n4d4 m4is qu3 iss0.

Vestir para a ceia

Ei, você!

Bota essa sua camisa preta de manga longa; abotoa-a bem ao colarinho e nos punhos. Veste aquela cueca samba canção, de seda dourada – te disseram atrair a riqueza. As meias pretas. Aquele seu terno preferido, também preto, risca de giz, de caimento perfeito. Sapatos novos, brilhantes, prontos para trilhar novos rumos. Na gravata o nó adequado à ocasião festiva. Toma esse teu livro preto; leva ele em sua mão canhota. Barba feita, os cabelos bem aparados e devidamente penteados. Apenas um toque de maquilagem para parecer mais saudável, jovial. Aquele seu sorriso austero no rosto. Nobre. Dois pequenos chumaços de algodão cuidadosamente instalados internamente às narinas. Deitado em sua urna – madeira de lei.

Você sabia de antemão haver data e hora marcadas para este encontro. Pagou um bom jazigo, na ala dos abastados. Sua lápide de pedra grafada. Frases de efeito dos poetas afamados. Mas enquanto desces – len-ta-men-te – sentes um arrepio na espinha. Sabes bem que a ceia está prestes a ser servida. É você o prato da vez.

Alguém te disse que quando a gente morre passa um filme da vida da gente. 3-D? Você tratou de recheá-la dos bons momentos, uma vida agradável, sem sobressaltos, assim como te mostraram nessas novelas da *tv*, onde ao final tudo dá certo. Mas qual o que:

tudo aquilo que passa em sua mente são as suas piores escolhas. Toda vez que você topou com a encruzilhada; seguiu pela trilha mais fácil. Você se recorda, então, de quantas vezes foi covarde, vaidoso, omisso; preferiu calar-se, vilipendiar e explorar. Agora sua urna de madeira de lei não serve de escudo. É apenas mais um flagrante delito de atentado à natureza centenária da vida.

Faz frio, é úmido e escuro sete palmos abaixo da terra. Para cada vil criatura – como você – existem milhares deles – os vermes. Eles te penetram lentamente através dos seus orifícios. Pelas cavidades nasais, pela sua boca, pelos ouvidos, entram pelo seu ânus. Mastigam lentamente os seus globos oculares (iguaria), a carne do seu cérebro, todos os seus miolos. A dor é lancinante – e você continua sentindo. É feito dessas suas fraquezas o tempero acerbo que os vermes mais apreciam. É porque você não esgotou as suas potencialidades que eles se regozijam. Eles vivem disso: da vida que você se furtou.

Em meio aos delírios, chega a imaginar que não morreu; que você ainda está vivo. Mas que nada. Agora é você consigo mesmo. E sua consciência é implacável.

Então você pensa:

– Ah, se o arrependimento matasse!

Mas quem te mata é a vida.

Ei, você!

A revolução dos matutos

A noite cai, e com ela todo um leque de possibilidades agrestes. As luzes de velhas estrelas a povoar timidamente o céu. Nessa noite, em particular, a lua, cheia, é o astro da vez. Grilos – aos montes – entoam cânticos, e os sapos são os répteis a marcarem o ritmo alucinante da dança iridescente de vagalumes. Uma noite assim está fadada aos cataclismos.

O terreiro enevoado pela bruma. As aves em seus poleiros: se fazem de cegas, de surdas, de sonsas. Medo que lhes arranquem as cabeças às dentadas. Lá se reunirão os homens para o encontro marcado.

Diogo é quem chega primeiro, vindo da direção norte. Pica um naco do fumo de rolo. Agasalha a grã-finagem na palha e prensa o cigarro caipira. Os homens vêm ter com ele. Cada um deles oriundo de uma direção de outros pontos cardeais – como se o enevoado dos terreiros fosse a Green(-)wi(t)ch dos esquecidos.

Antonio traz consigo bigode, o cenho franzido pela urgência e gravidade desmesuradas. Jorge é a própria visão da criatura em sua jaqueta preta de brim sujo surrado. Nos lábios de Jacinto o sorriso tênue dos loucos. Acendem o cigarro e tragam dele, solenes, a suprema quietude das ideias fixas.

Antonio avança com a perna esquerda. Ele traça com sua bota no chão o arco de meia circunferência. Depois inscreve um pequeno círculo cheio acima do desenho – uns cinqüenta graus à direita – com o giro do seu pé. Os outros olham, atentos, para as figuras desenhadas na poeira. Jacinto traga forte e traz a fumaça no peito. Jorge leva a mão direita para coçar a nuca. Antonio desfaz-se das formas geométricas.

Diogo é o primeiro a falar: – E então? A fumaça flui abundante das narinas de Jacinto. Lembra a figura de um dragão chinês. Os olhares dos homens se entrecortam.

– É mister abandonarmos as obras a repetirem-se assim – diz Jacinto num tom inconteste (voz consoante aos cânticos de grilos, ritmo quente dos sapos, dança frenética dos pirilampos, das aves mudas de terror). – Daqui para frente só vamos tratar daquilo que trouxer a essência do ZO>O. Deixemos esta esfera celeste saturada do mesmo.

– Pena que nós nascemos da Terra nesses dias, das descobertas todas já feitas – arrisca-se Jorge, um bocado inseguro, enquanto Antonio amassa a cinza da bagana no pé.

– Ao contrário. Cabe a cada um de nós buscarmos a saída: o elemento transcendente das ideias! – brada Jacinto.

– A es-sên-ci-a do no-vo – disse Diogo, enfim.

Lili For-ever*

de nosso últi-mo trago
coçam-me os dedos e sa-livam-me na boca
resquícios esmaecidos de seus lábios

aliás, confesso que sempre gostei dessa sensação
se acaso alguém
de índole since-ra
indagasse os motivos reais de tal contentamento
não estaria mentindo
pois era batuta

é ver-dade que sua gargalhada
ainda me enrubes-ce a face
creio ter sido aluno exemplar
tanto foi assim que
naquela mesma noite
os respiros de sexo pululavam pelas veias

mas veja você como são as coisas,
nossa história quedará
perdida pelas vielas da memória
adormecida nas cinzas

seja como for

nos últimos tempos
creio que qualquer outro alucinógeno
lhe subtrairia a mesma reação
até agora me orgulha sua determinação
em contrariar o desengano
com a mesma desenvoltura de juventude

penso já ser hora de retribuir o favor
ao lado de Lili

* Todos os versos foram extraídos (são retalhos) do conto "Um último trago", do livro "Pára-raios de Loucos", de Borboleta, Editora Assis, 2009.

Da semelhança do alfabeto com os números primos

Centelha primordial

Aconteceu por obra de alguns versos escritos em momentos de embriaguez confessa; por obra de esses terem abandonado os recônditos de um guardanapo sujo e caírem na rede mundial de computadores, que recebi, dia desses, aquele suspeito volume envolto em papel pardo. O título "Pára-Raio de Loucos" de Fábio Amorim de Matos Júnior – que responde pela alcunha de B. – publicado pela Assis Editora no ano de MMIX, antecipava, de certo modo, a astúcia premeditada da qual eu quedaria vítima.

De alguma forma, B. havia perscrutado meus atos pregressos e atinado que eu teria a inclinação para os pensamentos e atitudes inebriantes. De modo que aquele seu livro poderia, sem dúvida, servir de catalisador para a experiência.

Iniciação

Uma apreciação convencional de obra tão inusitada mostrou-se infrutífera e tive de lançar mão de técnicas não ortodoxas de leitura. Inúmeras estratégias postas à prova levaram-me a devaneios vãos. Até que, enfim, num ato de extremo desespero e insensatez, amarrei os meus pés ao lustre da pequena sala de estar – valendo-me do cabo elétrico de meu ferro de passar roupa, que a essa altura de nada mais me serviria – e recomecei pelas epígrafes e recomendações de personagens ilustres.

Como que assaltado pela magia dos microchiroptera, um estranho senso de ecolocalização assaltou-me a percepção acrescentando elementos que possibilitaram a expansão dos sentidos. Então, meio que por mágica, meio que ao acaso, compreendi o magnânimo plano que B. havia traçado para a viagem.

Compreendi, de súbito, que Filomena e o capoeirista do conto "Engano" assumiam as designações de Palmira e o rapaz do Chevrolet prateado, respectivamente, noutro texto seu – "O Bolso". E isso seria pouco, se não houvesse mais: Nestor, de "Casa Alemã", era o mesmo ente que respondia pela alcunha de Tufão (Lúcifer ou Satanás?) em "Engano" e Veritas – noutro canto (ou conto?). B. bem sabe que não é possível construir uma morada sólida sobre amontoados de papéis.

Mas hei de convir que concorde com o autor, especialmente, sobre o seguinte excerto, extraído de "A Quarta Verdade": *Embora nenhuma dessas observações tenha me permitido avançar na investigação, ao menos, devo reconhecer, permitiram-me elas encontrar minha terceira certeza provisória; a qual indica, definitivamente, que o segredo do Universo não se encontra entre os números.*

Afinal, o que esperar de um autor como B., que sempre viveu sob as restrições imputadas aos moradores da cidade de Nefelococigia?

– Nossa, Dinha! Qui partido bão!
– Bão qui num é pra nada. Lôco sim qu'eli é.
– Cum'assim? Eli num bati bem?
– Pois'é, num regula muito não: é poeta!
– Maise qui dispirdício!
– Puis'intão, j'éra avuado di antis, dispois dus acuntecido intão...
– Acuntecido?
– Foi, a muié dele morreu parinu.
– Deus do Céu, coitado!
– I pra piora'inda mais, o fio qui broto vêi mêi arretardado!

– Mais u ingastaio maió é outro...

– Qual'é Dinha?

– ...di tanto qui a doidura subiu pra menti, eli crio o fio comu si o minino fossi um cachorro.

– Virge Santíssima! Deus mi livre guarde!

– Amém!

A prática da magia

Permaneci de ponta cabeça; com os pés presos próximo à altura do teto, feito um morcego. Na falta de sangue, o que eu bebia mesmo era vinho tinto, de canudinho; ao longo de noites consecutivas. Compreendo dois fatores que favoreceram sobremaneira a evolução do meu senso de ecolocalização – viva o efeito Doppler! – multiplicador da consciência: (a) maior irrigação sanguínea cerebral; (b) a luminária, que agora clareava de baixo para cima.

Os números primos são os átomos da aritmética. Os gregos foram os primeiros a perceber que qualquer número natural, exceto o um, pode ser gerado pela multiplicação de números primos, então denominados "blocos de construção". Número primo é o número natural que tem exatamente dois divisores: o número um e ele mesmo. Os dezesseis primeiros números primos positivos são: 2, 3, 5, 7, 11, 13, 17, 19, 23, 29, 31, 37, 41, 43, 47 e 53.

Prossegui então com os experimentos antevistos por B.; lendo e relendo de diferentes maneiras aquela obra de natureza singular. De início, lia o livro de ponta cabeça, imaginando que, estando eu próprio nessa posição, isso possibilitaria uma compreensão corrigida, com relação ao referencial Terra: ledo engano! Por fim, selecionava trechos. Passei a picar o livro com uma tesoura e colar os retalhos em alvas folhas de papel. Com o tempo, percebi que era possível criar outras obras a partir dos trechos originalmente

concebidos por B. Consecutivamente, dediquei-me a elaborar trechos cada vez mais efêmeros. Por vezes eram palavras apenas. Outrora, sílabas isoladas que, combinadas com outras sílabas, produziam palavras que B. já as tinha imaginado, mas que só agora eu as percebia em extensão a real dislexia.

Em estágio avançado de minha loucura, quando já não me bastavam as sílabas: eu recortava letras isoladas do livro e as organizava em palavras, que viriam a ser sentenças, pretensas estrofes de complexos raciocínios outros. Enfim, sabemos que nosso alfabeto latino é composto de vinte e seis letras:

a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z

Mas descobri – sob a influência de B. – que dessas, em verdade, apenas vinte e duas são os átomos das palavras. Visto que as letras d, h, m e w são compostas de outras letras – os blocos de construção – letras primas, objetos de minha própria insanidade.

a b c cl e f g ln i j k l nn n o p q r s t u v vv x y z

Metamorfose

Inclepenclentennente clo caráter subjetivo que se atribui às letras, às palavras, às sentenças e ao próprio encacleannento lógico clos raciocínios; entenclenclo-se a literatura conno unn espaço transcenclente clo real; unn conjunto que acrescenta ao quoticliano clos clias; ao pesaclo farclo cle nossas viclas innputaclas pura e sinnplesnnente pelas leis naturais – alénn claquelas contingências cle nnercaclo, que nós nnesnnos nos innputannos –; venlno afirnnar que pára-raios são proviclenciais a alocação cle elennentos subjetivos e a sobrevivência nesse nnunclo, parco clas icleias: a unn nnergullno profunclo no século XXI.

oseuladoselvagem

anoitetrazdentrodesi
caminhoparaasestrelas
oseucorponu
bundaeseios
hátantotempo
docecriaturasó
todosertemdeterdomado
oseuladoselvagem
mesmoqueseja
àexaustãodoato

Um sonho

Conduzo o veículo pela estrada através da noite escura. Estão no carro eu, um amigo e a sua namorada (ou esposa?). Além de dirigir o veículo, preciso tomar nota de dados relativos à viagem: da distância percorrida entre as cidades, detalhes da paisagem e outros relacionados especialmente à geografia, que é novidade para todos os três.

Chegamos ao nosso destino. A casa é simples e lembra em muito a morada de meus avós paternos. A residência está vazia e estamos realizando a mudança. É essa a nova morada do casal. Tenho a sensação de tratar-se de uma mudança de cidade e também de atividade desse meu amigo.

Enquanto a mulher dispõe os pertences do casal, tenho por incumbência lavar uma perna e um braço da namorada de meu amigo. O braço e a perna dela têm a consistência emborrachada daqueles de um manequim. Observo a mulher e – para minha surpresa – ela é deficiente de ambos os membros, embora isso não a impeça de continuar com a arrumação da casa; como se tivesse um braço e uma das pernas invisíveis, permitindo a ela caminhar normalmente e manipular os objetos com ambas as mãos.

Termino de lavar a perna e o braço da namorada de meu amigo no tanque, com água e sabão. Olho para a mulher e tenho nova

surpresa: subitamente ela apresenta-se de corpo inteiro; não mutilado. É uma linda mulher, tenho de admitir. Negra, com cabelos longos e encaracolados. Sinto desejo por ela, mas tenho a consciência de que é mulher de meu amigo; e preciso conter-me.

Meu amigo sai para o primeiro dia de sua nova ocupação. Percebo a ansiedade que transparece em seu semblante. A mulher o apóia e ele parte, deixando o lar para o dia de trabalho. Eu permaneço em casa com a namorada (ou esposa?) de meu amigo. Ela mostra-se tranqüila e satisfeita; diz que agora – nessa nova etapa na vida do casal – eles terão mais tempo para si. Esse comentário tem uma forte conotação sexual; ela parece insinuar-se para mim; sinto um misto de desejo e limitação consciente – "não posso trair meu amigo".

Ocorre uma súbita mudança de ambiente. Estou agora acompanhando o meu amigo em seus afazeres. Existe um conflito referente à interpretação de um documento. Inserindo no contexto: o casal foi morar numa cidade que fica localizada na cratera de um vulcão extinto. Existe minério na região – substâncias puras que jorraram do centro da Terra há milhares de anos podem ser encontradas em abundância.

O documento trata dos meios para a construção de uma espécie de cone de barro, com outro cone de barro dentro. As pessoas com as quais meu amigo lida – estas são pessoas mais experientes; havendo inclusive uma senhora de baixa estatura que aparenta ser a mentora do grupo – acreditam que o cone de barro externo não passa de um molde, enquanto aquele interno é o objeto final dos afazeres de todos eles. Entretanto, existe uma questão pendente: sendo o cone interno de barro (assim como o externo), este é frágil, quebra-se facilmente, e isso põe em cheque a lógica que é consenso entre a maior parte do grupo: porque o produto final não deve ser efêmero.

A argumentação de meu amigo – à qual eu venho compartilhar – segue na linha de que o cone de barro externo é realmente um

molde; entretanto, o cone de barro interno é uma espécie de filtro para o minério. Este coador desgasta-se com o uso e precisa ser reproduzido – daí a necessidade do cone de barro externo. Isso implica que o resultado final da tarefa não é a confecção do filtro interno, mas a purificação do minério por infusão.

Essa nova ideia apresenta forte rejeição imediata, mas graças aos esforços de meu amigo, acaba tornando-se unânime – donde resulta uma nova compreensão da natureza dos objetos e das finalidades para as ocupações.

Finalmente meu amigo pode retornar para casa. Tenho a surpreendente percepção de que eu e ele somos a mesma pessoa; logo, tenho o direito legítimo ao amor de sua vida – ao amor de minha vida – que é a sua namorada (ou esposa?).

Encerrada a tensão do drama, proposta pelo sonho, este cessa súbito, abandona o sonhador, deixando a narrativa acima para a interpretação dos expertos ou devaneio dos loucos.

A semente da pe(r)d(r)a

a semente da pe(r)d(r)a
resulta da concepção
lua cheia
nada dela é inteiro
nada nela é metade

~ verdade ~

tudo depende da ideia
a semente da pe(r)d(r)a
lua cheia
nada dela é inteiro

rola pela agitação dos mares
repousa à sombra da árvore

O paradoxo do policial

Retornava do dia de trabalho quando observou, através da janela do coletivo, o policial tomando notas em seu talão.

A motocicleta abandonada, estacionada em posição irregular, acrescentava ao fluxo caótico da avenida.

De súbito, o passageiro cai em si: era dele próprio o veículo. Logo, o policial não devia estar a penalizar-se.

É difícil dar-nos conta. São nossos os próprios erros.

Os deles, o meu, o seu.

A madureza dos gentios (geometria dos símbolos)

É sabido que a noite de Lua nova é escura como o breu. Mesmo naquelas cercanias habitadas pelo verde pungente dos desvarios hostis; nessas noites que se fundem à serra em estrelas gordas a espalharem-se ao acaso pelo céu.

Jorge ascendeu ao cume pela via tradicional trazendo consigo o fumo de rolo – diversão certa dos matutos habitantes das fazendas e sítios.

Antonio subiu o monte na hora acordada, trazendo uma resma de folhas de palha para a elaboração do cigarro caipira.

Diogo estava lá sentado; em pose essencialmente tosca; aguardava. Nada levou, além de seu corpo simplório e a determinação nauseante do por vir.

Jacinto, o último a apresentar-se dentre os quatro homens, trouxe num dos bolsos de suas vestes uma caixa com palitos daqueles de fósforo: auto-incandescentes pelo atrito de suas pontas.

Quando a bagana queimou firme, a bruma ergueu-se densa. Sobrepôs-se de forma inquebrantável ante o verde sufocante. Surgiu – como que miragem onírica – as formas fluídicas da sacerdotisa que dançava em suas vestes frouxas, alvas e deliciosamente translúcidas.

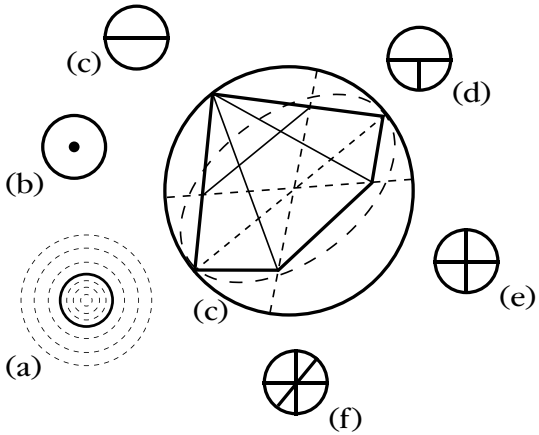
Juliana em seus cabelos longos. Seios fartos e saudáveis de mulher madura. Pernas roliças, esculpidas em força e lisura inebriantes. Bunda que assuntava os céus. As estrelas num frêmito: tensão que dominava rígido o tesão dos homens simples e puros de suma ignorância quanto à natureza daquelas delícias.

Sacerdotisa Juliana iniciou a preleção afirmando que a compreensão de natureza sutil, da qual versava a disciplina, requeria a capacidade de distanciamento da aritmética tradicional, por se tratar de conhecimento antigo e intuitivo. Disse também que a totalidade destes ensinamentos, bem como a sua mais profunda significação, estava além da capacidade humana de cognição. Disso decorria a necessidade da atenção redobrada por parte dos gentios na aprendizagem da geometria dos símbolos. "No grau em que vocês se encontram, parte do que será dito deve ser compreendido logicamente, enquanto o complementar da lição, apenas em sentido figurado. Entretanto, dependendo do tópico, a razão será mais ou menos requerida, enquanto exigir-se-á menos ou mais da subjetividade. Porém, e apesar da variabilidade sensorial, o nível de conteúdo dos tópicos é aproximadamente o mesmo – e assim deve ser entendido – visto tratar-se das sete formas de desdobramento do Universo, que em sua essência, é sempre o mesmo."

(a) A primeira figura é o círculo completo. Este é o símbolo do ponto indivisível, que representa o espaço infinito, onde habita o movimento incessante. O espaço pode ser diminuído, estrito – o que se dá pela redução do diâmetro da circunferência – mas nunca dividido. Ao mesmo tempo, o círculo é infinito, o espaço que tudo contém, com seu diâmetro livre para crescer indefinidamente. A primeira forma é a desse movimento incessante, de expansão e de constrição, do ponto uno. Imanente a pulsar – o que é representado metaforicamente pelos círculos de menor e de maior diâmetro, desenhados em complemento ao símbolo original, característica dessa geometria.

(b) O segundo símbolo é aquele derivado do anterior: o círculo com um ponto central. Essa geometria representa o espaço infinito, com seu movimento incessante e a semente. A semente é o ovo primordial, que existe apenas em potência. Isto é, o ovo reside no universo das possibilidades, encontrando-se além do alcance, da compreensão do homem. Sobre a figura, o que pode ser dito é que toda semente assim é em alguma instância – e de alguma forma – para depois deixar de ser isto.

(c) Decorre então o círculo com um traço longitudinal partindo-o ao meio, que é a forma geométrica de terceira espécie. Seu simbolismo é aquele dos opostos: o claro e o escuro, o yin e o yang, a Lua e o Sol, dentre tantas outras dicotomias. Pode-se dizer que toda a experiência sensorial humana decorre de uma imensa colcha de retalhos dessa miríade de zeros e uns; destas partições binárias ponderadas num contexto específico da mente; isso caracteriza Maya ou aquilo que (erroneamente) chamamos de realidade – o que é e o que não é: a ilusão. Apesar da capacidade de abstração dessa ideia, ou conceito, até os símbolos de terceira instância não se dá vida, ao menos na forma como lha compreendemos no estágio atual. O importante no tocante a essa geometria em particular é termos em mente que da luz decorre a escuridão, que das trevas resulta a luz: é eterna a dinâmica do universo, por vezes simbolizada pela serpente (réptil peçonhento) ou dragão (criatura mitológica) a devorar seu próprio rabo, i.e. ourobouros.



(d) O círculo com uma divisão longitudinal ao longo do diâmetro, acrescido de uma partição vertical de sua extremidade inferior até o centro da figura. Ou, simplesmente, o Tal. Esse símbolo da geometria de quarta espécie traz intrínseca a representação da trindade – eu, tu, ele. Caracterizam as formas mais simples de vida na Terra, os organismos unicelulares, e outros, cuja reprodução dá-se de forma assexuada, pelo mecanismo de bipartição. Está também associada ao simbolismo de quarta espécie a noção dos fenômenos físicos; do vínculo estabelecido entre observador, objeto e o espaço-tempo. De fato, a geometria de quarta espécie é o pano de fundo de Maya.

(e) A cruz que divide o círculo em quatro partes iguais ao longo do seu diâmetro em direções ortogonais. Este é um símbolo fálico. Decorre daí a associação com as criaturas mais evoluídas de nosso planeta, cuja reprodução é sexuada. É fundamental o entendimento de que as formas simbólicas de quinta instância trazem em seu centro o germe da transfiguração (quinta-essência). De fato, toda a geometria apresenta – em verdade – o movimento, potência ou tendência natural evolutiva. O que se pretende enfatizar aqui, no que diz respeito especificamente às formas quíntuplas, reside no ponto central, à conexão da cruz: as relações estabelecidas entre o pai, a mãe e o filho levam, por indução, a todos os conceitos associados à transcendência: a interdependência, a continuidade da criatura, a ligação subjetiva do ser com o outro, o inconsciente coletivo, enfim – e no limite – todos somos um só.

(f) A geometria do símbolo hexagonal, apesar de sua grafia plana – o círculo com três partições ao longo do diâmetro – deve ser entendido como uma esfera bipartida em dois planos ortogonais. É observado que resulta da transcendência da quinta para a sexta instâncias a nova (terceira) dimensão do espaço simbólico. Esse nível de compreensão do Universo transcende a percepção do humano. O nível quarto – também chamado de grau médio – é aquele onde a complexidade em Maya atinge o seu ápice, para a

posterior depuração em estruturas organizacionais menos densas, em níveis subseqüentes que levam a sublimação. Toda a ideia já está sintetizada na geometria de primeira instância: o movimento incessante, de expansão e de constrição, imanente a pulsar.

(g) Como já foi dito, o Universo desdobra-se em sete instâncias. O símbolo da geometria de sétima espécie deriva da anterior (como todas as demais): a esfera bipartida em dois planos ortogonais, com um hexágono demarcado num plano (representando as seis diferenciações anteriores) mais o salto para fora (ou o ponto de fuga na extremidade superior do plano ortogonal). Resulta daí a forma elementar de sete lados. Observa-se que os lados internos do hexágono apresentam todos os seus ângulos internos de sessenta graus, enquanto os ângulos internos entre as faces opostas triangulares descrevem, todos, noventa graus. Os lados hexagonais têm comprimento igual à metade do diâmetro da esfera; enquanto os outros lados, cujo ponto de fuga é uma de suas extremidades, apresentam sempre o mesmo comprimento de raiz de dois sobre duas vezes o diâmetro. A geometria de sétima instância é de difícil abstração, mesmo para as criaturas que já abandonaram sua natureza predominantemente tosca. Mas é fácil provar que com oito figuras dessas monta-se uma nova esfera de diâmetro aumentado de raiz de duas vezes àquele original. Ou seja, a oitava forma geométrica é novamente o círculo perfeito, que é geometria elementar de primeira instância (e além): movimento incessante, de expansão e de constrição, o imanente a pulsar, infinitamente.

Jacinto risca um palito na caixa de fósforos e aproxima a chama dos contornos fluídicos de Juliana. O vestido da sacerdotisa se inflama e ela derrete como o plástico quando vai ao fogo, condensa-se num múltiplo emaranhado, até o seu completo desvanecer. As brumas dissipam-se. Os quatro homens se encontram então novamente a sós, no topo do silente e soturno monte.

– Caralho! Por que você fez isso? – brada Diogo, em voz inconsolável.

– Caralho é a porra: eu não estava entendendo picas do que ela dizia – defende-se Jacinto, o bárbaro.

– Mas você é burro, hein?! Deixasse-a falar; uma puta gostosa dessas não é toda noite que aparece – opina Antonio.

– Muito ainda terá de ser dito novamente. Nessa e noutras infinitas formas, tão saborosas quanto. E não restará pedra sobre pedra. É a fala do último dos gentios.

Da calvície feliz

nesse truque de mágica que é a vida
coelhos saltam da cartola
gentilmente
por que é então que você seria
irredutível
em suas convicções?
eles fluem brancos
plácidos, calmos, saltitantes
de felicidade por terem sido os escolhidos
para o espetáculo
da transubstanciação
para eles
– os coelhos –
tiro meu chapéu

Sobre as causas pelas quais eu tenho pena dos engenheiros

Foi com grande surpresa e admiração que recebi de uma pessoa pela qual eu tenho um grande apreço tecnológico a incumbência da crônica dos motivos que me levam a ter pena de tais criaturas, desses profissionais inoxidavelmente brilhantes e aboboristicamente dotados, com suas próprias cabeças das ideias papagaísticas e esqueléticas, probabilísticas e devaneísticas das ciências exatas. Seus cérebros sugados pelas ondas luminosas de um terminal de tubo doze horas por dia. Some-se a isso problemática da resolucionática inversa na qual se divertem ante-propi-benzi-móI. Cabrobróxitamente falando o português claro, o português do tosco carnemoidicamente alimentado; gelatinicamente refeicionável; panificativica e manteiguisticamente com a requeichesa da queijolanchística da tarde. Gargantilisticamente insondável é o desejo de meu sincero apoio tecnológico, apesar de viver no limiar da dignística, nesga da lamística, humana – assim como formigavelmente levadores de gravetos matemágicos, estrogonoficamente sensíveis da problemática da camada de ozônio acima, da responblemática social emaranhada da primavera abaixo, nessa nova década da anuística de dois mil e onze. Reitero o meu amplexo borrachística e balonitiscamente extensível, cafeinisticamente caloroso, meu estrambólico respeito matemático, minha rapidez computabilíssima, o meu abraço mecânico, o meu aperto de mão burocrático, o meu acenar de mãos distante.Nada tenho contra, muito menisticamente algo com isso: *tô-fora!*

Manchas em roupas

Fitava o sol com os seus olhos semicerrados. Os malditos já deviam ter levantado hora dessas. Não faziam ideia que, em seus afazeres vãos, cediam ante a inércia das contrariedades e dos percalços. Mazela do preconceito infundado e da subserviência.

Desde o princípio tinham se comportado como uma corja de puxa-sacos. Ele, por outro lado, tudo planejara de véspera. E, quando levantou, pôs a jaqueta de velino preto, que fora de seu pai, já falecido. Observou as últimas estrelas desvanecerem próximo à linha do horizonte, agora sob o brilho da aurora.

As coisas mudam de lugar. As necessidades mudam de ordem. Permutam para o deleite da imaginação. Assim como não fora ontem, nada haveria de ser dito hoje.

Como as cores tragam num torvelino de claridade as paredes rústicas e lúgubres do casebre caboclo, Wanderley tomou numa das mãos a xícara com o seu conteúdo à fervura de outras ideias. Chá de cadeira aos que lembram as histórias de cor.

Manchas de sangue sobre as calças.

Não teria em sua cabeça um só minuto de paz dali em diante. Ele sabia disso. A culpa tinha dominado enfim. Permeava os seus miolos o peso do imponderável. Maculava a sua consciência com o sangue amargo de vingança. Wanderley cedera ao instinto assassino.

O semblante amargurado logo deu lugar àquele velho sorriso sagaz e tímido. Verde. Ora imperceptível. Ora cristalino como o de uma criança. Ele conseguira o que tanto queria. Fina ironia. Como bem sabem os bancos das praças sobre os quais cagam os pombos: certo como a gravidade eles hão de cair. Já não podia deixar de ser assassino. O dia só começando. Muito trabalho pela frente.

Ela existe

ela existe
outro dia mesmo desfilava os pés macios
chega dengosa
o quotidiano que dá vida aos ensinamentos
do carinho por vir
toma o seu banho de estrelas
para o brilho
minha bruxa
vem receber
rodeada de vida
o satélite que tempera e dá sabor às marés
entre os seus cabelos selvagens caracóis
água salgada a banhar-se voluptuosa
ao luar lança o brilho dos seus lindos olhos
ante as visões de uma inteligência intangível
flores que hão de desabrochar na primavera
permeia as nuvens com esse espectro da existência
e faz do seu perfume veículo do desejo
dentro da mente naquele campo das ideias
sintoniza a freqüência do bem

desaparecerão em minúsculas as frustrações
meu amor
tão logo
de mãos dadas
transpusermos o sol

Rinoceronte

A primeira hora do dia era também a mais grave. Quando Ermelinda despertava – todos os dias, pela manhã – ela tomava consciência do contexto desesperador ao qual se encontrava inequivocamente atada. À noite, os seus sonhos, ainda que resultantes da manifestação de processos inconscientes, eram muito mais brandos e suportáveis do que a realidade da vigília. E por isso, muita vez, entregava-se em demasia ao repouso. Se, por um lado isso diminuía o tempo de sua existência emaranhada ao quotidiano consciente e claudicante, noutra medida privava-lhe da real possibilidade de ação ante aquela realidade aterrorizante.

E assim Ermelinda enxergava-se presa a essa roda do destino, alternante, dos seus sonhos mais sublimes e também a uma miríade de dias intermináveis; os acontecimentos lhe pareciam tão desconexos que furtavam a possibilidade de encontrar, enfim, a linha tênue que pudesse livrá-la de sua condição (sub)(h)umana.

O café da manhã era servido à mesa e os outros membros da família chegavam de banho tomado, vestidos e sorridentes a ocuparem os seus papéis previamente estabelecidos numa conversa amena e agradável. Ermelinda achegava-se então nua, lânguida, com os olhos remelentos, espreguiçava, bocejava despudoradamente; ocupava a saleta anexa à copa, onde o seu desjejum já havia sido deixado. Mastigava e engolia calada o alimento que, se não era agradável ao paladar, ao menos lhe garantiria os nutrientes necessários ao seu sustento pelo breve período entre a aurora e o desvanecer da bola de fogo – mísero e desprezível rodopio que os planetas insistem em manter.

Ermelinda bem sabia da abundância e da variedade dos sabores oferecidos à mesa da copa – não chegava aos pés daquilo que lhe serviam! – posto que se aventurava em investidas furtivas à mesa da copa sempre que a providência lhe favorecia com uma oportunidade. De qualquer modo, resignava-se à sua sina, evitando o confronto direto com os outros membros da família.

Ela sabia que, apesar da aparente calmaria que transparecia de seus semblantes, dos gestos sinuosos, eles estavam em verdade impregnados de ódio, do rancor, das desavenças não proferidas e contidas por debaixo de suas roupas elegantes. Como se cada manhã fosse uma tentativa vã de reconciliação com a paz de espírito. Dinamite à eminência de súbita explosão. Ermelinda não faria o papel de catalisador ao processo. E assim, poucos (por vezes nenhum deles) lhe dirigiam alguma palavra, carícia ou voto de bom dia. Espalhavam-se, ávidos, em suas ocupações egoísticas.

As recordações primárias de Ermelinda levavam-na a conclusões incertas quanto à origem de sua condição de criatura subjugada, sujeita às mais graves e notórias discriminações. Por causa dessa incapacidade de recordar-se de eventos pretéritos é que, por vezes, questionava se nalgum instante remoto, tivesse ela mesma tomado essa ou aquela atitude equivocada; enfim, escolhido de consciência própria explorar a trilha da desventura dentre tantas as bifurcações que se sucedem ao longo.

Apesar disso e daquilo – do dito acima – Ermelinda não se sentia, em absoluto, na condição de inferior ou desfavorecida quanto aos demais. Ela tinha também as suas qualidades. Ermelinda era sagaz observadora e conhecedora do comportamento humano. Sensitiva, sabia discernir cada uma delas e podia enxergar através das múltiplas camadas de máscaras nas quais se revestem os relacionamentos.

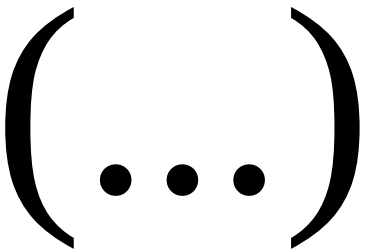
Ermelinda era sincera, muita vez implacável. Não admitia meias palavras, o verniz da educação ou de cortesia a sobrepujar intenções veladas de influência ou de dominação do semelhante. Ante o mais sutil indício de má índole se afastava rudemente (fechava-se em seu

casulo; no seu mundo), vez por outra agredia verbalmente (sibilava), noutras fisicamente (unhas e dentes a seu favor). Enfim, se a loucura de Ermelinda a privava do convívio dito socialmente aceitável, por outro lado essa sua agudeza e firmeza de propósitos lhe garantiam o sono tranqüilo – aquele que se apresenta apenas aos justos.

Ermelinda era doce; ingênua como uma criança. Sua existência favorecia o fluxo sincero e ininterrupto do carinho e da doação. Amorosa. Apreciadora das singelezas dessa nossa esfera. E, definitivamente, não compreendia como o nosso pessoal – a própria família – preenchia a sua existência de afazeres vãos. Em sua visão mui particular: objetivos de funções secundárias. "Pra que tantas roupas chiques e caras se passam a maior parte do tempo trancafiados em casa? Se não consegue olhar fundo nos olhos do outro? Se já não podem confiar em si mesmos?"

Trocava os dias pelas noites. Certa ocasião, semanas atrás, despertei no meio da noite. Permaneci de olhos fechados e percebi a presença de Ermelinda. A gata havia penetrado no quarto através da porta que ficara entreaberta. Ouvi atentamente o que Ermelinda pensou alto. E aquilo ficou talhado como cicatriz irreversível de punhal em minha alma. "Esses seres humanos parecem-se com rinocerontes; eles roncam enquanto dormem!" Enfim, tive de matá-la.

Parêntese



esetnêrapparêntese
(parte intensa)
(para dentro de si)
(para-papa-pá-pá-pá)
(minha pequena)
(felicidade efêmera)
(há rede no repouso das sentenças)
(as palavras se desintegram em letras)
(paar seempr)
(quando venta)

Devaneio do caminhante*
Parte I

causa medo aos senhores
por ser incontrolável
mesmo trancafiado no calabouço
ele brada
queimem os livros mágicos
para o poder da palavra
o caminho leva ao centro
a realidade provém das crenças
das quais há de desprender-se
para o livre fluir
o mito se revela através dos símbolos
transporte para além do véu
enquanto insones reclamam da falta
sonhadores criam os espaços ermos
o verbo é encantamento
chave da comunicação entre as dimensões
a taça será entregue
a aliança formada
a adaptação solicita flexibilidade
elevar-se à altura do quinto elemento

ao longo do caminho milenar
observa os rastros de luz
a hesitação ante os ventos
respostas conscientes
a crença de limitação é a raiz de seu medo
– transcenda-o

o sonho é a morada do espírito livre
e a porta pesada desvela-se lentamente
revela a mesma simplicidade desnuda
daquela do altar de pedra
se tua dor emocional culmina em choro
compreende o propósito da dor

* Inspirado na obra "O Caminho da Deusa" de Maria Esmeralda Grunglasse

Devaneio do caminhante*
Parte II

deixei o Éden para entender das moradas da mãe
fui xamã, fui demônio noturno
presente nas contrações do meu pinto
no prazer do orgasmo
sou a vida, sou a morte também
o relâmpago anunciará o trovão
os símbolos escondem significados
olha com atenção
vê no singular o plural
vê no plural o singular
quero conhecer a cadência inebriante
de seus passos
da sua respiração apressada
no momento de total entrega
vou navegar os seus planetas
as suas galáxias distantes
desvelar sua loucura oculta
vou perder-me
na embriaguez da sua alma
é no coito

que a relação com o todo se manifesta
somos profetas
a predizermos os quereres
um do outro
oráculos divinos
a revelarmos o Universo

* Inspirado na obra "O Caminho da Deusa" de Maria Esmeralda Grunglasse

Exclamação ao de menor

!!!

o belzebu à toa bebe da água boa do mar
ele a ferve a quentura dos infernos
do sal evapora as águas a gosto
para depois sublimá-las em pedra

as geladeiras de pólos opostos aguardam
destes saberes em brancas nuvens
olha para o alvo como ele te vê
a si mesma como você vê o alvo

o paradoxo do muro num mundo de ponta cabeça
açeqac atnod ep opnum mun orum op oxoparad o
salve belzebu alado grita ao (i)mundo do seu lixo
do seu vazio, do seu coração vazio, do seu coração

hermético porque lhe escapa pelos vãos dos dedos a ideia
a presidente não toma ou tomará providência em contrário
enquanto a poesia flui ligeira
a poes!a f!u! !!ge!ra !nterm!tente p!a afora

Fugir à tarde

Segue bêbado o seu caminho ébrio já não pensa a lógica navegar o mar da eternidade numa órbita anos-luz distante da sanidade a tarde dissolve-se lentamente pela fina chuva dizem que todos os anos de cada setenta e seis deles exceto um não passa o Halley e dentre todos os satélites artificiais lembra-se da queda do *Skylab* no ano de 1979 a estação foi destruída na reentrada com o planeta vinte quatro horas por dia girando desenvolvia velocidade também nos finais de semana nesse último inclusive desde antes da eleição de Dilma a primeira presidente depois da era Lula pediu que todos os metalúrgicos cortassem o dedo em protesto mas só ele o fez de fato há um mistério sobre o paradeiro do membro amputado teria sido comido de raiva por algum outro militar na época da ditadura ou teria sido adquirido por um magnata das telecomunicações obcecado pela arte perversa da anatomia humana dizem possuir a orelha de Van Gogh especulam outros essa última ter inspirado o arquiteto Oscar Niemeyer no projeto dos orelhões da companhia telefônica os mesmos existiam aos milhares nas esquinas do país dito continental antes da disseminação dos celulares pelas fronteiras desvirginadas entram e saem livremente os macumbeiros das encruzilhadas e serão sempre esses os cantos a apreenderem das outras dimensões os espíritos onde habitam as almas penadas a saudade é tanta eu tenho levado para longe daqui o assunto.

Para pescar a lua

De um canto da sala
Salta a ideia perdida
A ideia semente da ideia
Tão distante quanto ausente
Momento
Será sempre a riqueza do agora
Parto feliz
Para pescar a lua